

# PUC

MARIA LUIZA XAVIER DE ALMEIDA BORGES

O CONCEITO DE REALIDADE  
NA METAPSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia - 1976

Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
de São Vicente, 225 - CEP 22453  
Rio de Janeiro — Brasil

N.Cham. 150 B732 TESE UC

Título O conceito de realidade na metapsicologia



Ex.2 PUCB

0104671

BC - PUC

DOAÇÃO

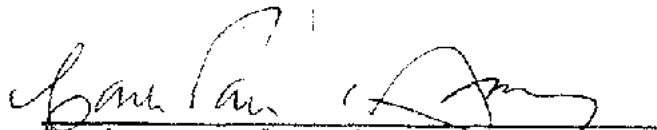
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

O CONCEITO DE REALIDADE NA METAPSICOLOGIA

por

Maria Luiza Xavier de Almeida Borges

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do  
grau de MESTRE EM PSICOLOGIA

  
Assinatura do Orientador da Tese

71386



104679

150  
B732  
T...  
BB-14835-9  
ed 2

Aos Professores do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e à CAPES, meus agradecimentos.

Ao Dr. Carlos Paes de Barros, pelos muitos anos nos quais, como Professor, introduziu-me a Freud e ensinou-me a pensar, e especialmente pelo empenho demonstrado nesta última etapa - como Orientador do presente trabalho -, toda a minha gratidão.

## SUMÁRIO

Discutimos neste trabalho a relação entre o aparelho psíquico e a "realidade", do ponto de vista da metapsicologia freudiana.

Inicialmente, justificamos nossa abordagem, situamos a metapsicologia no conjunto da psicanálise e caracterizamos os modelos do órgão da mente sucessivamente concebidos por Freud.

Os capítulos 2, 3 e 4 visam a clarificação e a análise do modo como se articulam quatro conceitos: processo primário, processo secundário, princípio do prazer e princípio da realidade. Fez-se necessário discutir significações ambíguas assumidas por esses conceitos ao longo da obra de Freud, recusar identidades propostas, inferir relações e mesmo definições não explícitas. Tal trabalho impôs-se sobretudo em relação às experiências com objetos reais de satisfação e de dor na atualização dos níveis mais primitivos de funcionamento mental; à identidade que Freud procurou estabelecer entre princípio do prazer e princípio da constância; à interdependência, de início proposta por ele, entre processo secundário e prova da realidade; finalmente, em relação à própria subordinação dos processos secundários às funções de apreensão e domínio da realidade externa.

No último capítulo, apresentamos o aparelho psíquico como organização estruturada em dois tempos (filó e ontogenético), a partir de sua relação com três estruturas externas: o mundo endo-somático, a realidade material e a língua. É a progressiva assimilação dessas estruturas, representadas na consciência por três séries

distintas de qualidades, que determina a própria constituição do aparelho em seus diversos níveis de funcionamento, bem como o modo pelo qual se efetuará, na ontogênese, seu contato estruturante com esses três planos da realidade. A definição e diferenciação dos conceitos de "realidade material" ou "objetiva", "realidade de pensamento" e "realidade psíquica" foi ainda objeto de nossa preocupação.

Finalmente, destacamos o papel estruturado-estruturante da "realidade psíquica", mostrando que, profundamente responsável pelo modo segundo o qual são percebidos, memorizados, associados, interpretados ou deturpados os dados da realidade material efetivamente percebidos, ela é, ao mesmo tempo, produto de um longo processo (filogenético) de constituição, em que essa mesma realidade material de outros tempos (ou "realidade histórica") desempenhou papel relevante.

## SUMMARY

In this work we study the relationship between the psychical apparatus and "reality", from the standpoint of freudian metapsychology.

First of all, we justify our approach, we situate metapsychology on the whole field of psycho-analysis and define the models of the organ of mind successively conceived by Freud.

Chapters 2, 3 and 4 seek to clarify and analyse the way how the four following concepts become linked: primary process, secondary process, pleasure principle and reality principle. We are led to discuss ambiguous meanings to them attributed by Freud in his works, refuse proposed identities, infer relationships and even non explicitated definitions. Such a work proves itself necessary mainly in relation to the experiences with real objects of satisfaction and pain in actualizing the more primitive levels of mental functioning; the identity Freud attempted to establish between the secondary process ante the reality-testing; and, finally, in relation to the very subordination of secondary processes to the functions of apprehension and domain of the external reality.

In the last chapter we present the psychical apparatus as an organization structured in two times (phylo and ontogenetic), from its connections with three external structures: the endo-somatic world, the material reality and the language. The progressive assimilation of such structures, represented in the consciousness by three distinct series of qualities, determine the proper



constitution of the apparatus in its different levels of functioning, as well as the way its structuring contact with the three levels of external reality will be accomplished in the ontogenesis. The definition and the differentiation of the concepts of "objective" or "material reality", of "thought reality" and of "psychical reality" were also the objects of our concern.

Finally, we emphasize the structured-structuring role of the "psychical reality", or the reality of the Unconscious, showing that, being deeply responsible for the way the data of the material reality are perceived, memorized, associated or distorted, it is at the same time the product of a large phylogenetic process of organization, in which this same material reality of other times (or "historical reality") performed a relevant role.

]

	Páginas
4.2 - O Princípio da Realidade e o Princípio do Prazer . . . . .	70
4.3 - O Princípio da Realidade e os Processos Psíquicos Secundários . . . . .	76
CAPÍTULO 5 - O Aparelho Psíquico e a Realidade ..	81
5.1 - Realidade Externa e Pensamento	81
5.1.1 - A Atenção . . . . .	83
5.2 - As Três Séries de Qualidades	85
5.2.1 - As Qualidades de Prazer e Desprazer e a Estrutura do Mundo Endógeno . . . . .	85
5.2.2 - As Qualidades Sensoriais e a Estrutura do Mundo Exógeno ..	87
5.2.3 - As Qualidades de Pensamento e a Estrutura da Língua . . . .	89
5.3 - A Constituição de uma "Realidade de Pensamento" . . . . .	94
5.3.1 - O Devaneio . . . . .	99
5.3.2 - Os Limites da "Realidade de Pensamento" . . . . .	100
5.4 - A Realidade Psíquica . . . . .	101
5.4.1 - "Sedução" - Memória ou Fantasia? . . . . .	102
5.4.2 - Fantasias Originárias e Realidade Psíquica . . . . .	105
CONCLUSÕES . . . . .	108
BIBLIOGRAFIA . . . . .	112

## INTRODUÇÃO

Nosso trabalho nasceu de uma pergunta, ou antes, de uma série de interrogações que nos fazíamos, interrogações que diziam respeito a um aspecto da vida psíquica que em especial nos interessa e intriga: o lugar e a função da fantasia, principalmente quando esta não implica apenas escape ou fuga ante as exigências do meio externo, mas se desdobra em atividades através das quais o homem imprime à realidade a sua marca, transfigurando-a ou recriando-a à imagem do seu desejo. O artista, o criador, ou, mais precisamente, o homem enquanto artista e criador (porque todos o somos, em uma medida ou outra), é este o objeto de nossa curiosidade.

Em um trabalho de Freud, aliás pouco divulgado (21), encontramos ressonância às nossas indagações - também ele se perguntava acerca da fantasia e da criação, do seu papel na vida do adulto, tanto o criador quanto aquele que delega ao artista a função de sonhar por ele, convertendo-se em espectador.

Mas, já no nosso projeto inicial, confessávamos que nosso ponto de partida era ainda pouco preciso. Dizíamos então: "Se uma leitura ingênua nos forneceu perguntas, esperamos que uma leitura rigorosa de Freud nos proporcione indícios de solução. E, dentro da teoria psicanalítica, é na metapsicologia que pretendemos buscar os conceitos-chave, que funcionarão como instrumento de trabalho nessa incursão pelo vago campo do lúdico. E, se o campo é impreciso, de limites nebulosos, é nosso propósito utilizar ferramentas seguras".

Um estudo tão aprofundado quanto possível de alguns conceitos da metapsicologia freudiana impôs-se-nos então como etapa indispensável. Dele dependeria, a nosso ver, não apenas a possibilidade de chegarmos a respostas pertinentes, mas a própria formulação de nossas indagações em bases sólidas e com a devida clareza. Em especial, quatro construções teóricas deveriam ser consideradas: processos psíquicos primários, processos psíquicos secundários, princípio do prazer e princípio da realidade.

Somente quando transporta essa etapa de clarificação conceitual, poderíamos - e era este nosso objetivo último - questionar o modo pelo qual deve ser pensada a "correlação" dos dois princípios do suceder psíquicos e o equilíbrio entre as duas ordens de processos mentais na atividade criadora. Ao mesmo tempo, abdicamos de expedientes que poderiam tornar mais amena esta etapa propriamente teórica do nosso trabalho: decidimos tomar o próprio Freud como fonte básica, ainda que isto nos obrigasse a retomar textos por muitos considerados (3) documentos pré-históricos da Psicanálise, como o Projeto para uma Psicologia Científica (53) e as cartas e demais manuscritos remetidos a Fliess (48 a 67). Duas razões amparavam nossa opção: era Freud quem nos interessava, a metapsicologia tal como concebida por ele; não desejávamos acrescentar mal-entendidos nossos aos tantos já acumulados por seus comentadores e críticos.

Assim, voltados para a fantasia, empreendemos um longo percurso que, por hora, nos levou (apenas?) até a realidade. Procurando embasamento sólido para nossas questões, vimo-nos abrigados a nos ater especialmente ao problema concernente ao modo segundo o qual deve ser concebida, em um plano metapsicológico, a relação do aparelho psíquico com a realidade. Este problema converteu-se assim em tema central deste trabalho, que pessoalmente encaramos como etapa de nossos estudos.

Nossas perguntas iniciais permanecerão portanto irrespondidas. Mas acreditamos que, ao final, teremos maior clareza quanto a seu sentido e implicações. Omitir a etapa puramente teórico-conceitual que a presente tese constitui significaria partir de opiniões, o que não nos levaria longe (se é que levaria a algum lugar). Como insiste Bachelard, "L'esprit scientifique nous interdit d'avoir une opinion sur des questions que nous ne comprenons pas, sur des questions que nous ne savons pas formuler clairement. Avant tout il faut savoir poser des problèmes. Et, quoi qu'on dise, dans la vie scientifique les problèmes ne se posent pas d'eux mêmes" (4, p. 14).

A seguir, apresentamos uma sùmula do conteúdo dos vários capítulos de nosso trabalho, procurando esclarecer o motivo que nos levou a abordar os diversos temas neles desenvolvidos.

Uma vez que o sentido de conceitos teóricos (2, 75) é conferido precisamente pelas relações que os

articulam a outros conceitos no interior de um determinado sistema teórico, dedicaremos o primeiro capítulo à caracterização da metapsicologia, como sistema. Procuraremos, de início, situá-la no interior da psicanálise ou, mais precisamente, indicar seu lugar na psicanálise enquanto disciplina científica. Em especial procuraremos deixar claro que, integrantes que são do próprio corpo teórico da psicanálise, as proposições metapsicológicas não devem ser confundidas com os pressupostos meta-científicos sobre os quais se ergue a psicanálise como disciplina.

A seguir, ainda no primeiro capítulo, destacaremos alguns dos pressupostos meta-científicos que nos parecem relevantes para a compreensão do nível em que o próprio Freud pretendeu situar sua metapsicologia: sua convicção de que uma Psicopatologia científica deveria ter como base uma Psicologia; o cunho científico-natural que pretendeu conferir a essa Psicologia; sua orientação materialista, que o levou a conceber as manifestações psicológicas da personalidade como concomitantes epifenomênicos de processos neuro-fisiológicos.

Mostraremos que o objeto da metapsicologia é o aparelho psíquico: cenário dos processos neurofisiológicos que têm como concomitantes epifenomênicos as manifestações psicológicas da personalidade. Veremos ainda que as proposições metapsicológicas devem ser concebidas como construções hipotéticas, uma vez que dizem respeito a processos não diretamente observados (e não necessariamente observáveis), mas potencialmente reais (7, 8, 45).

No parágrafo 1.1, definiremos os três pontos de vista que caracterizam uma abordagem metapsicológica: o topográfico, o dinâmico e o econômico, destacando que este último sofreu reformulações ao longo da obra freudiana e só pode ser inequivocamente definido se o conceito de princípio do prazer (ao qual se liga) for expurgado da ambigüidade que assume na obra de Freud. No parágrafo 1.2 faremos uma exposição sumária das três teorias do aparelho psíquico propostas por Freud (53, 17, 28, 33).

Uma vez caracterizada a metapsicologia, seu objeto e os pontos de vista a partir dos quais deve este ser considerado, teremos lançado base para abordar, nos capítulos seguintes, alguns de seus conceitos, fundamentais para a compreensão do lugar da "realidade". Ao fazê-lo, dedicaremos especial atenção ao modo como se articulam no corpo da teoria.

O segundo capítulo tratará dos processos psíquicos primários e secundários. Em um retorno ao Projeto (53), que abriga a mais completa descrição das experiências de satisfação e de dor, mostraremos, no parágrafo 2.1, a importância que lhes cabe na atualização dos processos primários e do par de forças desejosas e repulsivas que está à sua base.

No parágrafo 2.2, dedicado ao conceito de catexis\*, nossa principal preocupação será a de estabelecer

\* O termo "cathexis" é um neologismo introduzido por Strachey para a tradução da palavra alemã "Besetzung". Em nossa língua, não existe uma convenção bem estabelecida acerca de seu melhor correspondente. Laplanche e Pontalis (78) propõem "carga" ou investimento", enquanto na tradução da Standard Edition que vem sendo feita pela Imago Editora, optou-se pelo aportuguesamento do neologismo inglês. Esta é, a nosso ver, a melhor solução, embora, por razões eufônicas, tenhamos preferido a presente forma à palavra "catexia" utilizada na tradução da Imago.

demarcações nítidas entre conceitos que vêm sendo vítimas de inúmeros mal-entendidos na literatura psicanalítica: energia neurônica em estado de fluxo (própria do sistema Phi); catexe (energia total do sistema Psi: Psi-nuclear + Psi-pallium + Psi-pallium inibido pelo ego); energia psíquica (a fração de catexe correspondente às subestruturas do sistema Psi que compõem o aparelho psíquico: Psi-pallium + Psi-pallium inibido pelo ego). Finalmente, caracterizaremos os dois estados que a energia psíquica pode assumir - catexe livre e catexe ligada - como próprios, respectivamente, dos sistemas Psi-pallium (antecessor do Incs. e do Id das formulações posteriores) e Psi-pallium inibido pelo ego (correspondente ao Ego da formulação de 1923). Discutiremos ainda a idéia sustentada por Freud acerca da equivalência entre seu conceito de catexe ligada e o conceito de excitação tônica de Breuer (17, 28, 31), bem como a sugestão de Holt (70) acerca da identidade entre os conceitos de catexe e excitação tônica.

O parágrafo 2.3 terá como tema a caracterização dos processos psíquicos primários, tal como Freud os concebeu nos trabalhos em que lhes dedicou maior atenção: o Projeto, a Interpretação dos Sonhos e o Inconsciente (53, 17, 28).

Finalizando o 2º capítulo, no parágrafo 2.4, trataremos do conceito de regressão, tomando como base a sistematização proposta por Malan (86).



O princípio do prazer será o tema do terceiro capítulo, no qual tentaremos explicitar e discutir a ambigüidade com que Freud utiliza este conceito. A partir da exaustiva análise a que Barros (8) submeteu esse problema, procuraremos investigar até que ponto as concepções do princípio do prazer como correlato do princípio de constância e como regulador dos processos psíquicos primários são de fato mutuamente exclusivas.

No capítulo 4 trataremos do princípio da realidade, em sua articulação com os seguintes conceitos: prova de realidade, princípio do prazer e processos psíquicos secundários. Discutiremos ainda o caráter meramente restritivo que lhe é comumente atribuído (87, 83, 10).

O capítulo final de nosso trabalho tem como tema a relação dialética que deve ser concebida entre o aparelho psíquico, como estrutura, e três estruturas externas que o estruturam e são, ao mesmo tempo, por ele estruturadas: o mundo neuro-somático ou endógeno, a realidade física e a língua.

No parágrafo 5.1, trataremos da relação entre o pensamento e a realidade externa, procurando mostrar que é no esforço imposto pela necessidade somática de obter no meio os elementos indispensáveis à sobrevivência, que o psiquismo se estrutura em graus de complexidade capazes de permitir os processos de pensamento - indispensáveis para garantir a eficácia e a prontidão das ações a serem exercidas no meio.

As três séries de qualidades que Freud distingue (prazer-desprazer, qualidades sensoriais e "qualidades de pensamento") serão, no parágrafo 5.2, referidas às estruturas das quais elas seriam uma função: a estrutura do mundo neuro-somático ou endógeno, a estrutura do mundo físico e a estrutura da língua.

No parágrafo 5.3, nosso tema será a progressiva superação do "lado sensorial" que marca o desenvolvimento dos processos de pensamento.

A realidade psíquica, como realidade um Inconsciente estruturado e estruturante, dotada, como observam Laplanche e Pontalis, "de uma coerência e uma resistência comparáveis às da realidade material" (78, p. 391) será o tema do parágrafo 5.4.

Finalizando, retomamos a idéia da tríplice estruturação do aparelho psíquico, mostrando que este processo comporta dois tempos (filó e ontogenético), de tal modo que as relações psiquismo-realidade externa não podem ser pensadas em termos de uma simples oposição entre entidades estanques.

## CAPÍTULO 1

### A METAPSICOLOGIA FREUDIANA

Que vem a ser uma abordagem metapsicológica? Qual o seu lugar nesse conjunto a que denominamos "psicanálise", e que abriga no entanto proposições de tão variados níveis de proximidade em relação ao empírico, modos de articulação e graus de generalidade?

Podemos de imediato distingui-la da psicanálise concebida como técnica, compreendendo como tal um processo específico de investigação psicológica e um novo processo psicoterapêutico. Tampouco é difícil diferenciá-la da psicanálise entendida como o conjunto dos dados empíricos obtidos através da aplicação das técnicas psicanalíticas de investigação. É a delimitação do espaço ocupado pela metapsicologia na psicanálise vista como nova disciplina científica, conjunto de conceitos e postulados básicos destinados a sistematizar os dados empíricos psicanalíticos que impõe maior cuidado e discriminação (7, 78, 40).

Segundo Barros, a psicanálise como ciência compreenderia: "(a) the metascientific presuppositions, and (b) the scientific sets of propositions - psychological, metapsychological, developmental, and the physicochemical theory of the biological or somatic drives" (7, p. 106, o grifo é nosso). A metapsicologia não se confunde, portanto, como o pretendem Rapaport e Gill (95), com o estudo dos pressupostos sobre os quais se erguem os vários conjuntos de proposições científicas que constituem o sistema teórico psicanalítico. Ela é um desses conjuntos. Os pressupostos meta-científicos ou meta-teóricos

são sem dúvida indispensáveis à compreensão da natureza da metapsicologia, mas não se confundem com ela. A metapsicologia corresponde um lugar bem definido no corpo da teoria psicanalítica.

Para um exame mais minucioso dos pressupostos básicos - metateóricos, e não metapsicológicos, repetimos - remetemos à leitura dos trabalhos de Barros (7, 8) e da obra de Jones (74), que nos permitem remontar a todo um conjunto de influências recebidas por Freud, decisivas na elaboração de sua concepção de ciência; na posição que assumiu quanto ao problema da relação entre o psíquico e o físico; e no que podemos apontar como seu objetivo básico: a tentativa de construir uma psicologia como ciência natural (53, 46). Entre essas influências, podemos citar: seu treinamento na tradição da fisiologia fisicalista alemã, tendo Helmholtz como expoente e representada em Viena por Strickes e Brucke; a assimilação, através deste último, de uma orientação darwiniana; o contato com Breuer e Charcot; a leitura de Fechner e Jackson (7, 8, 74).

Ainda que não nos proponhamos a uma análise dos pressupostos metacientíficos de Freud, impõe-se aqui a referência a alguns deles, na medida em que nos parecem indispensáveis à clara definição da metapsicologia.

Convencido de que a fisiopatologia científica deve ter como base a fisiologia normal (Brücke, Jackson, Claude Bernard), Freud estenderá a mesma concepção ao domínio da psicopatologia (8). Em carta a Fliess, ele es-

creve: "It is in fact impossible to form a satisfactory view of neuropsychotic disorders unless they can be linked to clear hypotheses upon normal psychical processes..." (49, p. 694). Assim, somente a partir de uma psicologia poderia ser construída uma psicopatologia que se pretendesse científica.

E o que seria, para Freud, uma psicologia? Evidentemente consistiria em uma teoria geral da estrutura, da dinâmica e do desenvolvimento da personalidade humana (8). Mas o que a distingue de outras tantas teorias psicológicas que a precederam é precisamente a intenção de Freud de conferir-lhe um cunho científico-natural. Desta intenção, são testemunho não apenas textos antigos, como as cartas e Fliess (49, 64, 65), mas um de seus últimos escritos, apenas iniciado (46).

Para compreendermos o caráter dessa psicologia, é indispensável o conhecimento de uma posição claramente adotada por Freud no plano metateórico: seu materialismo de orientação epifenomenalista, que se refletiu, ao nível metodológico, num paralelismo empírico. As manifestações psicológicas da personalidade, os dados psíquicos observáveis, são por ele considerados concomitantes epifenomênicos de processos neurofisiológicos (7, 8, 15, 53). Ao admitir a realidade material de processos altamente complexos e biologicamente organizados (53), Freud se afasta, entretanto, do materialismo mecanicista clássico (7).

Na expressão de Barros, "Freud distingue sempre, de acordo com seu realismo biofiscalista: (a) a estrutura fenomenal do comportamento manifesto (normal e patológico); (b) a estrutura real dos processos fisiológicos (motores, verbais, oníricos, viscerais) subjacentes ao comportamento manifesto; e (c) a estrutura, também real, dos processos fisiológicos que correspondem ao funcionamento do aparelho psíquico, em suas relações com as fontes somáticas e com os objetos do mundo exterior. Para Freud, a primeira estrutura é concomitante-dependente (epifenômica) da segunda, e esta é deterministivamente (de maneira legaliforme) causada pela terceira" (8, pp. 68, 69).

Muitas vezes Freud estabeleceu articulações (analogias, correspondências formais) entre fenômenos. Estas, no entanto, têm caráter descritivo, não podendo assumir valor de explicações (Cf. a nítida distinção que Freud estabelece entre descrição e explicação na Seção A do capítulo VII da Interpretação dos Sonhos (17)). A explicação é encontrada exclusivamente na referência a um modelo. Na teoria freudiana, na referência ao modelo hipotético do aparelho psíquico, de natureza termodinâmica e bio-evolucionista. Mais precisamente, a explicação consiste no estabelecimento de conexões causais-deterministas entre: (a) os eventos que ocorrem no aparelho; e (b) os diferentes grupos de fenômenos psicológicos e os processos fisiológicos que lhes são subjacentes (8).

Podemos já, a esta altura, vislumbrar a importância que corresponde, no conjunto das teorias freudiana-

nas, às proposições que se referem ao aparelho psíquico (seelischer Apparat). Este é concebido como o cenário (Schauplatz) onde se desenrolam os processos neurofisiológicos que têm, como concomitantes dependentes, as diversas manifestações psicológicas da personalidade. O estudo da estrutura e do funcionamento desse aparelho, através dos pontos de vista topográfico, dinâmico e econômico é o objeto da metapsicologia (7, 8, 28, 56, 57, 63, 64, 65, 67).

Adotando, como propõe Barros (7), a terminologia metateórica de MacCorquodale e Meehl, classificamos os conceitos que Freud postula ao nível metapsicológico como construções hipotéticas, uma vez que dizem respeito a entidades e processos não diretamente observados (e não necessariamente observáveis), mas potencialmente reais. Têm esse caráter: a própria noção de aparelho psíquico (correspondente à noção jacksoniana de "órgão da mente" e referente a uma região topograficamente determinável do sistema nervoso (45); os conceitos de Id, Ego e Superego (referentes às estruturas que o compõem) e os demais conceitos e hipóteses referentes ao seu funcionamento (17, 18, 23, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, etc.).

### 1.1 - Os Três Pontos-de Vista Metapsicológicos

O ponto de vista topográfico refere-se ao aparelho psíquico enquanto estrutura composta de estratos hierarquicamente organizados, segundo as regras do modelo evolucionista (Darwin, Spencer, Jackson) (7, 8, 40, 86). Compreende o estudo da distribuição das "barrei-

ras", dos "limiães", das "ligações", etc., impostas aos níveis mais primitivos pelos níveis superiores de integração; bem como o estudo da estruturação do aparelho psíquico em sistemas, aos quais são referidos os diferentes modos de funcionamento mental (8, 40).

O ponto de vista dinâmico estuda a interação das forças que atuam no aparelho psíquico. Estas têm o caráter de forças perturbadoras (geradoras de tensão) ou compensadoras (reduzoras de tensão). As primeiras são externas ao sistema neuropsíquico: forças endógenas (instintivas), de origem somática e forças exógenas, originárias dos objetos hostis. As forças compensadoras atuam em função das propriedades econômicas (termodinâmicas e extratermodinâmicas) do sistema neuropsíquico (8, 40).

O ponto de vista econômico, formalmente introduzido na teoria psicanalítica em 1915 (28), dizia então respeito às "vicissitudes das quantidades de excitação" no aparelho psíquico - isto é, compreendia a investigação dos processos energéticos que aí têm lugar (origem, transformação e destino da energia psíquica). A partir de 1920 (31, 8), o ponto de vista econômico é vinculado à regulação dos processos psicofisiológicos pelo princípio do prazer. Ao estudarmos o conceito de princípio do prazer veremos que este ficou longe de ter recebido, por parte do próprio Freud, uma formulação inequívoca. Vinculado à dominância do princípio do prazer, o ponto de vista econômico ganhou uma significação ambígua, uma vez que esse princípio diz respeito, em algumas formulações de Freud, à regulação da função neurônica secundária



(tornando-se, então, idêntico ao princípio de constância) (53, 29, 31, 40), ao passo que, em outras formulações, o mesmo princípio do prazer é apontado como responsável pela regulação dos processos psíquicos (17, 23). Cabe ainda acrescentar que, a despeito da irredutibilidade dessas duas concepções, Freud muitas vezes as utiliza simultaneamente (31, 40).

Esta questão será melhor explicitada a partir da análise a que submeteremos, no capítulo 3, o conceito de princípio do prazer. Nossa intenção no presente parágrafo é apenas apontar a complexidade ponto de vista econômico, tema de exaustivo trabalho de Barros (8).

## 1.2 - O Aparelho Psíquico

Vimos que a metapsicologia consiste no estudo da estrutura e do funcionamento do aparelho psíquico, a partir dos três pontos de vista caracterizados no parágrafo anterior. A seguir, faremos uma breve apresentação das várias teorias do aparelho psíquico, desenvolvidas em 1895 (53), 1900 e 1915 (17, 28) e 1923 (33). Queremos deixar claro que não é nossa intenção explorar a complexidade dessas várias teorias. O que se segue é uma exposição sumária dos três modelos, cujo objetivo básico é o de definir conceitos - referentes às instâncias que, em cada um deles, compõem o aparelho psíquico - que serão utilizados nos capítulos subsequentes.

### 1.2.1 - Os Sistemas Neurônicos Phi, Psi e Ômega

De acordo com a definição de metapsicologia acima enunciada, o primeiro trabalho propriamente metapsicológico de Freud é o Projeto para uma Psicologia Científica (53). Escrito em 1895, foi remetido a Fliess sob a forma de manuscrito e apenas em 1950 veio a público. Esse trabalho, que contém a primeira teoria do aparelho psíquico - constituído pelos sistemas Psi-pallium e Psi-pallium inibido pelo ego -, é ponto de referência inidispensável à compreensão das formulações metapsicológicas posteriores.

A montagem do aparelho psíquico é realizada no Projeto numa perspectiva genética, segundo o critério de estratificação hierarquizada de Jackson (58, 7, 8, 74): estruturas mais complexas se superpõem a estruturas mais simples e primitivas, incorporando-as e inibindo-as. Assim, Freud parte do modelo do arco reflexo elementar (i. e., a topografia elementar do neurônio, dotado de axônio e dentrite), descreve a evolução dos sistemas neurônicos Phi e Psi-nuclear (sedes das funções neurônicas primárias e secundária), até chegar aos sistemas Psi-pallium e Psi-pallium inibido pelo ego (sedes, respectivamente, dos processos psíquicos primários e secundários). As características básicas de cada sistema são apresentadas a seguir:

(a) O sistema neurônico Phi - Tendo seu pólo aferente voltado para as fontes exógenas, é um simples condutor de energia. Regulado pelo princípio de inércia, apresenta a

tendência a descarregar (através de reflexos motores) toda a energia que recebe. Em seu interior a energia, livre de qualquer inibição e tendendo à descarga completa, está em constante estado de fluxo ou corrente. Por aprendizagem filogenética, tendem a se fixar as formas de descarga que permitem a evitação da estimulação exógena: a fuga reflexa, que constitui a função neurônica primária.

b) O sistema neurônico Psi-nuclear - Liga-se aferentemente às fontes endógenas (somáticas) de estimulação. É dotado de barreiras de contato, o que lhe permite o armazenamento da energia que recebe (catexe). Regulado pelo princípio de constância, tende, uma vez ultrapassado determinado limiar de intensidade catética, a descarregar as quantidades excedentes. A tendência à descarga (Drang) é, portanto, a força geral à qual se submete o funcionamento do sistema. A descarga energética desse sistema, sob a forma de reflexos adequados, constitui a função neurônica secundária.

c) O sistema neurônico Psi-pallium - Recebe influxos energéticos tanto do mundo externo (através de Phi) quanto das fontes endógenas (através de Psi-nuclear). Regulado pelo princípio do prazer, apresenta o impulso do desejo e a tendência à defesa primária, sendo a sede dos processos de satisfação alucinatória do desejo e defesa primária, que constituem os processos psíquicos primários.

d) O sistema neurônico Psi-pallium inibido pelo ego - No

interior do Sistema Psi-pallium, diferencia-se um grupo de neurônios que mantêm entre si uma extrema facilitação, constituindo uma massa catética em equilíbrio, cuja energia se mantêm a um nível constante: o ego. Essa organização é responsável por expedientes que inibem os processos psíquicos primários e permitem a utilização das indicações de realidade. Regulado pelo princípio de realidade e sujeito às tensões do impulso-de-desejo secundário e da tendência à defesa normal, é o cenário dos processos psíquicos secundários (que permitem a execução, no meio externo, de ações específicas - capazes de satisfazer as necessidades somáticas).

e) O sistema neurônico Ômega - Também chamado "sistema dos neurônios perceptivos", dá origem, quando excitado, às sensações conscientes (percepções). Essas sensações podem ser classificadas em três ordens: (1) a das qualidades sensoriais, que se liga à captação de uma característica especial das estimulações exógenas: seu ciclo ou período; (2) a ordem das sensações de prazer-désprazer, dependente, em primeira instância, das variações do nível de tensão catética no sistema Psi-nuclear; (3) a ordem das "qualidades de pensamento", que são uma função da relação de Ômega com o sistema Psi-pallium inibido pelo ego, cenário dos processos secundários. Cabe a Ômega fornecer indicações acerca da presença efetiva de objetos do mundo externo e de suas qualidades. Estes sinais ("indicações de realidade"), utilizáveis pelo sistema Psi-pallium inibido pelo ego, permitem a diferenciação entre percepção e alucinação.

Finalmente, cabe acrescentar que apenas Psi-pallium, Psi-pallium inibido pelo ego e Ômega constituem o aparelho psíquico, isto é, a sede dos processos propriamente psicológicos (entre os quais não se incluem as funções neurônicas primária e secundária).

#### 1.2.2 - Os sistemas Incs. e Prec. (Cs)

Mais conhecida que a montagem do Projeto, a segunda teoria do aparelho psíquico será caracterizada a seguir em termos ainda mais sumários, destinados tão somente a identificar as instâncias que nela são diferenciadas.

No capítulo VII da Interpretação dos Sonhos (17), Freud se propõe, como condição para explicar os fenômenos que descrevera nos capítulos anteriores, a construir uma psicologia, isto é: "(...) to set up a number of hypotheses which touch tentatively upon the structure of the apparatus of the mind, and upon the play of forces operating in it" (17, p. 511). Desenvolve então um novo esquema do aparelho psíquico, no qual combina o critério evolutivo adotado no Projeto ao da acessibilidade à consciência. O novo modelo comporta as seguintes instâncias ou sistemas:

a) O sistema Inconsciente (ou Primeiro Sistema Psíquico) - Corresponde a Psi-pallium e abriga conteúdos e impulsos desejosos arcaicos (relativos à infância), inacessíveis à consciência. Tais conteúdos são regidos pelas leis dos processos psíquicos primários, os quais têm

à sua base processos energéticos característicos do sistema (catexe livre).

b) O sistema Prec(Cs.) (ou Segundo Sistema Psíquico) -  
Corresponde a Psi-pallium inibido pelo ego. Abriga conteúdos recentes e impulsos (desejo e repulsa) inibidos pelo ego, que são processados segundo as leis dos processos secundários, regulados por condições energéticas próprias (catexe ligada).

Em O Inconsciente (28), Freud introduz algumas reformulações a esta teoria, sendo a principal o abandono do critério evolutivo. Deixa claro que duas possibilidades já entrevistadas desde 1900 (17) - a de que conteúdos recentes, através do processo de repressão secundária, sejam relegados ao Inconsciente; e a de que conteúdos preconscientes possam, em processos de regressão formal, ser submetidos às leis do processo primário - impedem a manutenção do critério segundo o qual memórias arcaicas fazem parte do "Primeiro Sistema" e memórias recentes pertencem necessariamente ao "Segundo Sistema". A acessibilidade à consciência passa a ser o único critério na delimitação dos sistemas.

### 1.2.3 - O Ego e o Id

Em 1923 (33), nova reformulação. O reconhecimento de que processos inconscientes (como a censura) devem ser atribuídos ao sistema superior, impede a manutenção do critério da acessibilidade à consciência. O aparelho psíquico passa a ser concebido como composto por

dois sistemas, o Id e o Ego, delimitáveis pela ordem formal das leis que regem seu funcionamento (processos psíquicos primários e secundários). Os novos sistemas são:

a) O Id - É concebido como a estrutura psíquica originária, submetida às pulsões de origem somática. Seu funcionamento é caracterizado pelas leis dos processos psíquicos primários. A partir de sua camada periférica, voltada para a percepção externa, desenvolve-se o Ego.

b) O Ego - Desenvolvido a partir do Id (desenvolvimento que se processa na ontogênese, mas a partir de condições filogeneticamente adquiridas), é um sistema equivalente ao Psi-pallium inibido pelo ego, de 1895 (53). Submete os processos do Id à regulação dos processos psíquicos secundários e assume o controle da atividade motora voluntária. O Superego deve ser compreendido como uma subestrutura do Ego, referente a um conjunto de vias fortemente facilitadas nesse sistema (tal subestrutura seria adquirida por identificação com as figuras parentais, durante a infância) (33, 45).

## CAPÍTULO 2

### OS PROCESSOS PSÍQUICOS PRIMÁRIOS E SECUNDÁRIOS

Passamos agora aos processos psíquicos primários e secundários - dois modos de funcionamento do aparelho psíquico que Freud distinguiu a partir do Projeto e que permanecem, ao longo de sua obra, como conceitos centrais em sua teoria. Sua análise se impõe na medida em que sua correlação com os princípios do prazer e da realidade é questão de importância central neste trabalho.

#### 2.1 - As Experiências de Satisfação e de Dor

Para a compreensão do funcionamento do sistema Psi-pallium - e de seus correspondentes nas formulações posteriores, o Incs. e o Id - sob as leis do processo psíquico primário é indispensável a consideração de duas modalidades básicas de experiência: experiência de satisfação e experiência de dor. Ambas representam formas primárias de relação com objetos satisfatórios e hostis do mundo externo. São experiências ontogenéticas de aprendizagem, que vêm atualizar tendências maturacionais presentes a um determinado nível de estruturação filogeneticamente adquirido. Implicam capacidade de percepção (exteroceptiva e proprioceptiva), memória e associação, bem como a possibilidade de se estabelecer, entre Psi-nuclear e Psi-pallium, uma facilitação que desvie o curso energético, inibindo a função neurônica secundária (reflexos adequados, sob a pressão da urgência). Mediante as experiências de satisfação e de dor, serão atualizados e orientados (através do maior grau de facilitação instaurado entre determinadas imagens mnêmicas) os impulsos do desejo e da defesa.



### 2.1.1 - A Experiência de Satisfação

Retomada em obras posteriores (17, 23, 38), sem alterações significativas, a experiência de satisfação é descrita no Projeto (53) nos seguintes termos:

Quando o sistema Psi-nuclear, premido pelas forças endógenas, tem sua energia elevada acima do nível constante, temos como resultado a urgência (Drang) - tendência à descarga motora reflexa. Inicialmente são tomadas as vias que levam a mudanças internas (descargas viscerais, choro, etc.), que se revelam ineficazes, uma vez que, inatendida a necessidade somática, o sistema Psi-nuclear continua recebendo o impacto das forças de origem endógena e, conseqüentemente, o nível de tensão continua alterado.

No caso do ser humano no início do seu desenvolvimento ontogenético, capaz exclusivamente das respostas de descarga motora, tal situação levaria à morte. A tensão de necessidade que está à base da elevação do nível de catexes só pode ser suspensa mediante a execução de uma ação específica no meio externo: aquela capaz de prover o objeto correspondente à necessidade (o alimento, por exemplo, quando a fome é a responsável pelas estimulações provenientes do soma). Nos recém-nascidos, faz-se, portanto, necessária a interferência da mãe. Esta, alertada pelo choro (resposta reflexa de descarga somática que irá aos poucos, com a repetição das experiências, adquirir um caráter específico ao ser intencionalmente utilizada pelo bebê como sinal), fornece o ali-

mento. O bebê tem agora condições de desempenhar as ações reflexas necessárias à satisfação da necessidade.

Freud destaca três elementos da experiência de satisfação: (1) Realiza-se uma descarga efetiva, pondo fim à urgência (Drang) e à sensação de desprazer a ela correspondente em Ômega; (2) ocorre em Psi-pallium a catexse de um ou vários neurônios, correspondentes à percepção (Wahrnehmung) do objeto de satisfação; (3) Chegam também a Psi-pallium informações da descarga obtida mediante o movimento reflexo que se seguiu à ação específica (Empfindung). Estabelece-se uma facilitação entre: as imagens mnêmicas dos objetos externos (Erinnerungsspur), as imagens mnêmicas correspondentes aos movimentos de descarga visceral e os neurônios de Psi-nuclear em estado de urgência (os resíduos mnêmicos correspondentes às descargas somáticas e às oscilações de intensidade catética em Psi-Nuclear são os "Affektbildung"). Essa facilitação é possibilitada pela simultaneidade havida entre as catexes, na experiência de satisfação.

Uma vez estabelecida essa facilitação (que associa, em Psi-pallium, engramas referentes ao mundo somático, ao sistema Psi-nuclear e à realidade externa), um novo aumento de tensão em Psi-nuclear (provocado pelas tensões somáticas) fará com que ocorra, em Psi-pallium, a evocação (Vorstellung) do objeto de satisfação, e a tendência a (re)percebê-lo. Esta última constitui o impulso do desejo.

### 2.1.2 - A Experiência de Dor

Embora em condições normais Psi-nuclear se li- gue apenas às fontes endógenas de estimulação, há casos em que quantidades de excitação de origem externa, devi- do à sua intensidade, rompem as barreiras do sistema Phi e provocam um grande e repentino aumento do nível de ten- são catética em Psi-nuclear. Este é o fenômeno da dor, que tem lugar quando o organismo se expõe ao impacto de um objeto hostil. Suas características são: (1) o aumen- to do nível de tensão em Psi-nuclear, sentido como des- prazer ao nível de Ômega; (2) a tendência à descarga (Drang) em Psi-nuclear; (3) o estabelecimento de uma per- cepção (Wahrnehmung) exógena, referente ao objeto hostil; (4) a facilitação entre a percepção (Empfindung) da subi- da do nível catético em Psi-nuclear e a percepção do ob- jeto hostil (Wahrnehmung).

Quando a imagem mnêmica relativa ao objeto hos- til (Erinnerungsspur) for evocada (Vorstellung), surgi- rá um novo estado que, não sendo o de dor - uma vez que a ação do objeto hostil não está sendo exercida -, asse- melha-se a ele. Tal estado inclui o desprazer e a ten- dência à descarga. Mas, enquanto na experiência de dor o aumento do nível tensional em Psi-nuclear era provoca- do por um afluxo de estimulações exógenas, na reevocação a quantidade adicional deve surgir independentemente dessa fonte externa. Freud postula então a existência de nova categoria de neurônios: os neurônios secretores. Enquan- to os neurônios motores, quando energizados por uma quan- tidade de excitação (Affektgrösse) tendem a descarregá-

la através da ação muscular, os neurônios secretores, quando excitados, atuam sobre as vias endógenas (nociceptivas) de condução a Psi-nuclear, suprindo quantidades, ao invés de descarregá-las.

Como resultado da experiência de dor, institui-se uma excelente facilitação entre a imagem mnêmica (Erinnerungsspur) do objeto hostil e os neurônios secretores. Assim, a evocação da memória (Vorstellung) dessa experiência provocará um estado de desprazer (Affekt - conceito simétrico ao de desejo), seguindo-se a tendência a retirar as catexes (Affektgrösse) que investem a imagem mnêmica do objeto hostil. Este impulso recebe o nome de repulsa.

### 2.1.3 - O Desejo e a Repulsa

O desejo e o afeto, resíduos, respectivamente, das experiências de satisfação e de dor, são estados de tensão em Psi-pallium, refletindo-se em Ômega como desprazer. Deles resultam forças simétricas: (1) o impulso do desejo - provoca uma atração positiva pela imagem do objeto de satisfação que foi evocada e leva a um superinvestimento catético dessa imagem, que produz a sua percepção alucinatória; (2) a repulsa - expressa-se na tendência a retirar as catexes que energizam a imagem do objeto hostil, de modo a anular sua representação, o que constitui o processo de defesa primária.

O impulso do desejo e a repulsa são, portanto, forças que dizem respeito à compensação das tensões surgidas no sistema Psi-pallium, como resultado da evocação

dos objetos de satisfação e de dor. São elas as tendências que regulam a dinâmica das relações objetais nesse "Primeiro Sistema Psíquico", tendências que expressam as características extratermodinâmicas de seu funcionamento (7, 8)\*.

## 2.2 - A Catexe

Freud postula, no Projeto (53), a existência de dois tipos de neurônios: os que não opõem nenhuma resistência à passagem da excitação (neurônios permeáveis); e aqueles capazes de armazená-la (neurônios impermeáveis).

Os primeiros constituem o sistema neurônico Phi, no qual a energia, sob a regulação do princípio de inércia, está em permanente fluxo. Já os neurônios impermeáveis, ou neurônios do sistema Psi, devem ser capazes, em obediência ao princípio de constância, de armazenar a energia a um determinado nível. Para tanto, organizam-se de modo que seus pontos de contato assumam o valor de barreiras (as barreiras-de-contato), que opõem resistência à saída das quantidades de excitação recebidas. Essa energia armazenada no sistema Psi (tomado aqui em sentido amplo, abrangendo os subsistemas Psi-nuclear, Psi-pallium e Psi-pallium inibido pelo ego), recebe o nome de catexe (7, 53).

\* Na elaboração deste parágrafo 2.1, recorremos ao Projeto (53), e, em especial, aos esclarecimentos relativos à noção de "afeto" desenvolvidos por Barros (8). O recurso aos termos em alemão tem o objetivo de marcar diferenças que nem sempre encontram em português uma correspondência adequada.

Enquanto os neurônios Phi são homólogos a condutores de uma corrente energética, os neurônios Psi, dotados da capacidade de armazenar os inputs energéticos, são homólogos a sistemas termodinâmicos. os processos de catexe não implicam apenas uma contenção de energia: envolvem transformações termodinâmicas, de tal modo que a sua descarga ou deslocamento não devolvem a energia ao estado de fluxo(7).

Definimos catexe como a energia total do sistema Psi.

A uma fração dessa energia, mais precisamente, àquela correspondente aos sistemas Psi-pallium e Psi-pallium inibido pelo ego, dá-se o nome de energia psíquica. É essa fração de catexe (energia psíquica: energia total do aparelho psíquico) que pode assumir os estados livre e ligado. A catexe livre é própria do sistema Psi-pallium; a catexe ligada, processo dependente da ação do ego, surgirá apenas no sistema Psi-pallium sujeito à sua inibição.

### 2.2.1 - A Catexe Livre

A resistência oposta à passagem de energia pelas barreiras-de-contato é relativa e variável. Quando transposta por uma quantidade de excitação, essa resistência diminui. A esse rebaixamento do limiar das barreiras-de-contato Freud chamou facilitação, estado que constitui a base neurofisiológica da memória: "It may be supposed that, in passing from one element to another, an

excitation has to overcome a resistance, and that the diminution of resistance thus effected is what lays down a permanent trace of the excitation, that is, a facilitation" (31, p. 26, o grifo é nosso). O grau da facilitação depende da quantidade de energia que atravessa o neurônio no processo excitatório, e do número de vezes em que o processo se repete. A passagem é facilitada também quando a transferência (ou deslocamento) da excitação se faz na direção de outro neurônio também energizado, ou, nas palavras de Freud, "(...) a On passes more easily from a neurone to a cathected neurone than to an uncathected one. Thus the cathexis of the second neurone operates like the increased cathexis of the first one" (53, p. 319).

A catexe livre se caracteriza por ter seu curso no aparelho psíquico determinado pelas facilitações estabelecidas no sistema Psi-pallium. Em outras palavras, os deslocamentos (e, conseqüentemente, as associações entre as idéias a que os engramas se referem) serão função: das quantidades de excitação que energizam os engramas, isto é, da intensidade ou cota de afeto (Affektbetrag) de que estão dotados, do número de vezes em que determinadas catexes são simultaneamente energizadas, e da intensidade de certos neurônios que pode exercer, como vimos, um poder de atração.

Esta breve análise nos mostra que a catexe livre é apenas relativamente "livre" (ela não flui simplesmente, como a excitação do sistema Phi). Os processos de transferência de excitação que descrevemos estarão à ba-

se dos processos psíquicos primários e, sem dúvida, sofrem muito menos restrições que os processos energéticos submetidos à inibição do ego (catexe ligada) que são subjacentes aos processos psíquicos secundários.

### 2.2.2 - A Catexe Ligada

A "ligação" da catexe é o resultado da ação inibitória exercida pelo ego sobre parte dos processos de deslocamento e descarga vigentes no sistema Psi Pallium. O ego\* exerce sua ação inibitória através de três expedientes básicos: através das catexes laterais; pela emissão de contra-catexes e pela oposição de barreiras à passagem da corrente energética. Sua ação permite o desvio de quantidades de excitação, a redução das quantidades em deslocamento, a integração de várias cadeias excitatórias, bem como a utilização dos índices de realidade fornecidos pelo sistema Ômega (isto, principalmente, na formulação do Projeto; veremos que, a partir de 1915 (30), a prova de realidade alcança autonomia em relação aos processos em curso no sistema Psi-pallium inibido pelo ego).

Enquanto a catexe livre está à base dos processos psíquicos primários, a ação inibitória do ego e a catexe ligada dela resultante permitem o funcionamento psíquico ao nível dos processos secundários. Nestes, o deslocamento da energia não só é submetido às condições

---

\* Referimo-nos aqui ao ego tal como o definimos ao apresentar a Neuropsicologia do Projeto (§ 1.2.1). É importante distingui-lo do Ego entendido como instância, conceituado na tópica de 1923 (33) e correspondente ao Psi-pallium inibido pelo ego de 1895.



acima apontados, como sofre uma moderação geral - pequenas quantidades de energia sofrem deslocamento, mesmo que o nível de intensidade das catexes seja elevado: "This bound state, which combines high cathexis with small current, would thus characterize processes of thought mechanically" (53, p. 368).

Embora Freud tenha atribuído a Breuer os conceitos de catexe livre e ligada (17, 28, 31), foi de fato o primeiro a utilizá-los, no quadro de uma teoria neuropsicológica, para designar uma diferenciação que não estava presente no pensamento de seu colaborador nos Estudos sobre a Histeria (16). Como o esclarecem Laplanche e Pontalis (78), Freud aplica à energia nervosa termos que haviam sido introduzidos na física por Helmholtz: no âmbito do segundo princípio da termodinâmica, princípio referente ao acréscimo de entropia, Helmholtz denominava "energia livre" aquela que é capaz de transformar-se livremente em outras espécies de trabalho; a energia ligada, ao contrário, apenas se manifestaria sob a forma de calor. Ao utilizar o termo "livre" para referir-se à menor inibição da catexe nos processos de deslocamento e descarga, Freud praticamente inverteu o sentido que o mesmo assumia na física - "livres" seriam antes, numa transposição mais aproximada do conceito de Helmholtz, exatamente os processos de catexe ligada, uma vez que são eles que permitem a liberação da energia nas várias formas de ação específica através das quais o organismo maduro interage com o meio.

Que a identidade pretendida por Freud entre seu conceito de catexe ligada e o de "excitação tônica"

de Breuer não procede, é um ponto corretamente levantado tanto por Laplanche e Pontalis (78) como por Holt, em artigo dedicado precisamente à clarificação dos conceitos freudianos de catexe livre e ligada (70). Ocorre que Holt, além de apontar corretamente que não há identidade entre os conceitos de catexe livre e catexe ligada, de Freud, e os de energia cinética e excitação tônica, de Breuer, propõe uma outra relação: identifica ao conceito de excitação tônica a própria noção geral de catexe. Ou, em suas próprias palavras; "In the very conception of cathexis, then, Freud was using Breuer's idea of tonic excitation" (70, p. 482). Mas tampouco é esta a correlação adequada. E Barros, em sua meticulosa análise (7), mostra que o conceito de excitação tônica corresponde ao fator intensivo da energia catética (Erregungssumme), isto é, ao nível de catexes, que é expressado pelo conceito de Soma de Excitação - referente a uma relação funcional entre a quantidade de excitação (Erregungsgrösse) e a capacidade do sistema\*.

Finalizando, gostaríamos de observar que tanto Holt quanto Laplanche e Pontalis são levados a incongruências nas suas tentativas de distinguir entre os conceitos de catexe livre e catexe ligada por partirem de mal-entendidos em relação a conceitos conexos. Em especial, confundem o conceito de energia neurônica em estado de fluxo (relativo, como o demonstra uma leitura aten

---

\* Para uma mais detalhada explanação da distinção a ser estabelecida entre os fatores extensivo e intensivo da energia psíquica, que fugiria ao escopo de nosso trabalho, remetemos ao artigo de Barros sobre o "Ponto de Vista Econômico" (8).

ta do Projeto (53), ao sistema Phi e à função neurônica primária) com o de energia psíquica livre (ou catexe livre); não estabelecem uma clara demarcação entre o conceito de catexe (que implica sempre capacidade de armazenamento) e o de catexe ligada (relativo às restrições impostas pelo ego).

Ao conceituar, em trabalhos posteriores ao Projeto (17, 23, 28, 31, 45), os processos energéticos subjacentes aos processos psíquicos primários e secundários, Freud estará sempre se referindo àquela fração de catexe (energia psíquica) correspondente ao aparelho psíquico e aos dois estados (livre e ligado) que ela é capaz de assumir.

### 2.3 - Processos Psíquicos Primários e Secundários

A facilitação estabelecida pela experiência de satisfação permite que a elevação do nível de catexes no sistema Psi-nuclear seja acompanhada: (a) pela evocação da memória do objeto de satisfação e (b) pelo desejo de renovar sua percepção. Ausentes as inibições do ego, tal desejo tende à realização mediante um processo que in depende das condições vigentes no meio externo: a percepção alucinatória do objeto desejado. De modo análogo, a mera evocação do objeto hostil (ainda que ele não esteja efetivamente presente) desencadeia excessiva liberação de desprazer, e o impulso da repulsa, que leva à completa retirada das catexes que energizavam o engrama do objeto hostil, isto é, à defesa primária. Tais processos, que implicam o deslocamento de grandes quanti-

dades e o privilégio das sensações de prazer e desprazer sobre as indicações de realidade, constituem os processos psíquicos primários (53, 17, 23).

Dotado de um aparelho psíquico em que tais processos pudessem ter livre curso e fossem os únicos exequíveis, o organismo teria, além de um funcionamento pouco parcimonioso, escassas possibilidades de sobrevivência. A alucinação do objeto de satisfação só pode ser mantida mediante constante e intensa energização do engrama correspondente. E ainda que mantida, não atende às necessidades somáticas. A demanda somática apenas se intensifica e, com ela, a pressão das pulsões instintivas sobre Psi-nuclear. Por outro lado, a excessiva liberação do desprazer causada pela mera evocação de um objeto hostil, por si só anti-econômica, provoca ainda o mecanismo de defesa primária, responsável pelo abandono de grupos mnêmicos que se referem a experiências cuja memória é fundamental para o processo de adaptação do organismo ao meio. Como observa Freud (23), só podemos conceber um organismo vivendo sob esse modo de regulação se incluímos a presença dos cuidados incondicionalmente fornecidos por um agente externo - a mãe, no caso do bebê.

É o desenvolvimento do ego que vem inibir o funcionamento dos processos psíquicos primários, instaurando um nível mais complexo de atividade psíquica que permite, principalmente, a distinção entre o que é produto do próprio psiquismo (alucinação) e o que tem um referente na realidade externa (percepção). Capaz de utilizar os índices de realidade fornecidos pelo sistema

Ômega, o sistema Psi-pallium inibido pelo ego será a sede de funções que nortearão a interação do organismo com o meio (os processos de pensamento), e tornarão possível a busca do objeto desejado no meio externo e a efetiva satisfação das necessidades somáticas.

Na Parte III do Projeto (53), Freud traça a gênese do ego, lançando mão de "regras biológicas" - aprendizagens filogeneticamente adquiridas, permitindo a aquisição de melhores condições de sobrevivência. As experiências de aprendizagem ontogenética vêm, portanto, atualizar tendências maturacionais que pertencem à estrutura potencial do ego (7, 53). Veremos posteriormente que a superposição do ego não acarreta uma completa inibição do modo primário de funcionamento mental. Seguindo o esquema de Jackson (58, 86), Freud concebe a evolução do aparelho psíquico de um modo que implica a permanência dos sistemas mais antigos, não sendo a inibição instaurada pela superposição de um novo estrato absoluta ou constante.

Sob a ação do ego, tanto o processo de descarga quanto a liberação do desprazer dependerão das indicações de qualidade e realidade fornecidas pelo sistema Ômega. São os processos psíquicos secundários, que têm como força subjacente o impulso do desejo inibido pelo ego. Seu objeto (Objekt) é a obtenção da identidade perceptual (real) com a imagem mnêmica do objeto desejado. Se este se encontra desde logo presente, a indicação de realidade é fornecida pelo sistema Ômega e efetua-se a ação específica, com o conseqüente preenchimento da finalidade (Ziel) do impulso: a supressão de um estado de estimulação endôgena (satisfação da necessidade).

Se não há identidade entre o objeto desejado e os objetos percebidos no momento, desencadeiam-se os processos de pensamento, que têm para Freud, primariamente, valor de atividade psíquica intermediária, tendo início quando o desejo secundário é ativado e cessando ao ser realizada a ação específica - "The aim and end of all thought-process is to bring a state of identity" (53, p. 332).

Em conexão com os processos secundários de pensamento e de percepção objetiva e diferenciada do mundo "externo, é postulado por Freud o mecanismo da atenção (53, 17), que consiste na aplicação, pelo ego, de catexes adicionais (hiper-catexes) às catexes perceptuais, de acordo com as indicações de qualidade emanadas de Omega.

A atenção pode ainda, numa forma de atividade mais elevada do sistema Psi-pallium inibido pelo ego, dirigir-se às imagens mnêmicas e às conexões entre elas estabelecidas pela passagem da excitação, isto é, aos processos de pensamento propriamente ditos. Para tanto, Freud estabelece que as imagens mnêmicas devem estar associadas a representações verbais (53, 17, 23, 28, 33, 44, 45). O que assim se torna possível é a consciência endopsíquica, ou consciência de processos em curso no interior do próprio aparelho.

Embora o pensamento possa se efetuar, segundo todas as exigências da lógica, sem emergir à consciência (17, 53), a atenção lhe confere maior complexidade e precisão. O pensamento acompanhado de atenção pode ser me-

morizado, evocado, e fica mais ligado ao conhecimento das qualidades sensoriais dos objetos percebidos que à abtenção da identidade perceptual. A esta forma de pensamento, que Freud denomina pensamento cognitivo, investigativo ou teórico, interessa o estabelecimento de todas as conexões possíveis entre o percebido e os engramas mnêmicos já existentes em Psi-pallium.

A ação inibitória do ego é também exercida, como mencionamos no início do presente parágrafo, sobre a facilitação existente entre o engrama do objeto hostil e os neurônios secretores. Dessa inibição resulta a redução da liberação do desprazer a uma quantidade mínima, que pode ser utilizada como "sinal" (17). No processo consciente de pensamento cognitivo ou teórico, no qual interessa explorar todas as vias associativas, essa liberação mínima de desprazer não provoca o desvio da atenção. As memórias, mesmo desagradáveis, são integradas à cadeia associativa, e o pensamento, menos sujeito às distorções que a atuação das forças desejosas e repulsivas poderia acarretar, torna-se mais seguro.

Já para o pensamento prático (matriz das demais formas) o "sinal" desempenha papel mais importante. Mais imediatista que o pensamento teórico, seu objetivo é o rápido estabelecimento da identidade entre a catexe de desejo e a catexe perceptual. O "sinal de desprazer" leva, nesse caso, ao abandono daquela cadeia associativa.

Mas, em ambos os casos, a defesa perde seu caráter compulsório. O afeto, ao funcionar como "sinal",

pode ou não dar lugar à defesa, segundo as finalidades (cognitivas ou práticas) do processo de pensamento.

Acompanhamos até aqui as formulações do Projeto. No capítulo VII da Interpretação dos Sonhos (17) a discussão dos processos psíquicos primários e secundários é retomada, sem grandes alterações. Na nova sistematização do aparelho psíquico, eles são atribuídos, respectivamente, aos sistemas Incs. e Prec.(Cs.).

O funcionamento dos dois sistemas segundo as duas ordens de processos mentais é objeto, em especial, da Seção E do capítulo VII. Nela Freud estabelece que, para operar efetivamente no meio externo e ter condições de promover a percepção real do objeto de satisfação, o sistema Prec.(Cs.) deve ser capaz de: (a) acumular um grande número de experiências nos sistemas mnêmicos e uma multiplicidade de registros concernentes às associações estabelecidas, entre os conteúdos mnêmicos, por diversas idéias propositivas; (b) utilizar moderadamente a energia disponível, reservando a quantidade necessária para a alteração do mundo externo. Para fazer face a essa dupla exigência, o "Segundo Sistema Psíquico" deve manter a maior parte de suas catexes imobilizadas, empregando apenas uma pequena parcela em deslocamento (catexe ligada).

O "Primeiro Sistema Psíquico" ou Incs., é descrito como regulado pelo "princípio do desprazer", em função do qual é "totally incapable of bringing anything disagreeable into the context of its thoughts" (17, p. 600). Embora sem se referir aos neurônios secretores ou



ã força da repulsa como igual, em relevância, à do desejo, Freud fala de uma "inclinação" que seria o protótipo de toda repressão psíquica: "(...) an inclination in the primitive apparatus to drop the distressing mnemonic image immediately, if anything happens to revive it" (17, p. 600).

Como no Projeto (53), o processo secundário permitirá a catetização de memórias penosas sem que disto resulte uma intensa liberação de afeto. A moderação das forças de desejo e compulsão, uma maior liberdade em relação à intensidade das catexes, além da possibilidade de aplicar aos processos associativos a hipercatexa da atenção, conferem aos processos secundários uma relativa autonomia em relação ao princípio do prazer (ainda denominado, em 1900, "princípio do desprazer"). Onze anos antes da postulação expressa do "princípio da realidade", fica bastante claro, no cap. VII da Interpretação dos Sonhos (17), que a tendência a representar o prazeroso e a anular as representações penosas sofre uma moderação face à necessidade de obter uma representação adequada da realidade externa.

Ao contrário dos processos primários, presentes desde as primeiras experiências de relação com o mundo externo, os processos secundários só gradativamente se desenvolvem e passam a exercer sua ação inibitória. E esta nunca é completa, inclusive em termos topográficos - uma parte do aparelho permanece inacessível à sua atuação, constituindo o sistema Incs. do aparelho psíquico desenvolvido. Sede de memórias arcaicas (embora estas não

esgotem seu conteúdo, como Freud precisará em 1915), e submetido ao princípio do prazer, o Incs. constitui uma fonte de impulsos a exercer constante pressão sobre o sistema superior.

Incapazes de acesso direto ao sistema Prec. (Cs.), as memórias arcaicas transferem sua força de desejo a pensamentos pré-conscientes. Tais pensamentos, chamados por Freud "transferenciais" (por terem recebido a catexe deslocada dos conteúdos inconscientes), passam a ser "veículos do desejo inconsciente". Como tais, podem entrar em contradição com os propósitos - condizentes com a realidade - do pensamento secundário, provocando um "afeto penoso". O desprazer surge aqui em função da incompatibilidade (conflito) entre a realização do desejo (em si mesma prazerosa) e as exigências do sistema Prec., submetido ao princípio da realidade (e, depois de 1923 (33), também aos códigos morais vigentes na sociedade, a partir do superego). Trata-se, portanto, de algo diverso daquele "afeto" apenas no Projeto suficientemente realçado: nele o desprazer e a tendência à repulsa independem da contraposição com as forças resultantes da inibição de instâncias superiores (Ego e Superego) - está compulsoriamente associado à evocação de um objeto hostil, como resultado da facilitação estabelecida entre as imagens mnêmicas a ele correspondentes e os neurônios secretores.

Investidos da força desejosa proveniente dos impulsos inconscientes de desejo, os pensamentos pré-conscientes assumem um caráter penoso (despertando sentimentos de vergonha, angústia, medo, etc.) e são subme-

tidos à repressão. Em contraste com a defesa primária ou repulsa (processo psíquico primário), a repressão é função da agência superior, ainda que consista em um processo inconsciente (no sentido descritivo (24)). É a consideração desse fato - já admitido, como estamos vendo, desde 1900 - que levará, em 1923 (33), ao abandono do critério de acessibilidade à consciência no estabelecimento da diferenciação entre os vários sistemas psíquicos.

Uma vez reprimidos, os pensamentos passarão a ser processados pelas leis do primeiro sistema: "From the moment at which the repressed thoughts are strongly cathected by the unconscious wishful impulse and, on the other hand, abandoned by the preconscious cathexis, they become subject to the primary psychological process" (17, p. 605).

Os pensamentos reprimidos tenderão a se manifestar sempre que as inibições do sistema Prec. possam ser eludidas, em movimentos, verbalizações ou formas de pensamento conscientes que terão um caráter aparentemente irracional (17, 19). Em geral, tais manifestações constituem o resultado de formações de compromisso entre as tendências desejosas do Incs. e os propósitos realísticos do Prec.. Os sintomas neuróticos e os sonhos são exemplos maiores dessas "realizações camufladas de desejos reprimidos"; mas, como fica amplamente demonstrado no trabalho de 1901 (19), os atos falhos que quotidianamente perpetramos são um outro forte testemunho do poder que têm as forças do Incs. de burlar a censura exercida pelas instâncias superiores. Acerca da permanente in-

terferência dos processos psíquicos primários nas manifestações da personalidade, mesmo adulta, sadia e vigil, observa Freud em 1901: "The peculiar mode of working, whose most striking achievement we see in the content of dreams, cannot be attributed to the sleeping state of mental life, if we possess such abundant evidence, in the form of parapraxes, that it operates during our waking life as well. The same connection also forbids our assuming that these psychical processes, which strike us as abnormal and strange, are determined by a deep-seated decay in mental activity or by pathological states of functioning (19, p. 278, o grifo é nosso).

No artigo de 1915 sobre O Inconsciente (28), Freud sistematiza as condições de funcionamento vigentes no sistema (correspondente ao Psi-pallium de 1895 e ao Id de 1923). Seu núcleo consiste de impulsos de desejo que buscam descarregar suas catexes. Estas são extremamente móveis (catexes livres), e seu deslocamento permitirá as condensações, formações de compromisso, etc.

As categorias de espaço e tempo inexistem: os processos não se submetem a qualquer ordenação. O único determinante do destino das catexes é sua intensidade. Entre conteúdos investidos com maior ou menor intensidade não se efetua qualquer inibição ou cancelamento mútuo. A negação, a dúvida ou os graus de certeza estão ausentes, assim como a referência à realidade externa.

Mas, como já o fizera em 1900, Freud observa que não dispomos de nenhum meio de acesso aos processos inconscientes em estado puro. São os conhecemos sob aque

las condições em que conteúdos do sistema mais elevado, sob repressão, passam a ser processados segundo as leis do Ics. e conseguem, posteriormente, irromper na Cs. (sonhos, sintomas neuróticos, parapraxes). E, ainda nesses casos, aquilo a que temos acesso será sempre um produto misto, em alguma medida posto em conformidade com as exigências do processo secundário - os sonhos, por exemplo, chegam à Cs. já submetidos à organização imposta pela elaboração secundária.

#### 2.4 - Regressão

Vimos, especialmente desde o parágrafo precedente, manejando idéias que pressupõem o conceito de regressão, sem no entanto o havermos definido. É o que intentaremos agora, utilizando o estudo efetuado por Malan (86), que distingue as várias formas de regressão, acompanha as várias transformações do sentido de cada uma delas e do modo como se articulam ao longo da obra freudiana e, finalmente, sugere uma sistematização que não foi estabelecida pelo próprio Freud.

Em apêndice acrescentado em 1914 à seção B do capítulo VII da Interpretação dos Sonhos, Freud propõe a distinção entre três tipos de regressão - topográfica, temporal e formal -, acrescentando: "All these three kinds of regression are, however, one at bottom and occur together as a rule; for what is older in time is more primitive in form and in psychical topography lies nearer to the perceptual end" (17, p. 548). Definiremos brevemente, a seguir, os três tipos de regressão, após o que discutiremos a concomitância sugerida por Freud.

Por regressão topográfica compreende-se um conceito relativo à direção segundo qual a energia é conduzida no aparelho psíquico, de modo a permitir o fenômeno da alucinação.

Em 1895 (53), esse processo é descrito em termos do direcionamento da energia de Psi-pallium a Phi (sendo este último o sistema encarregado da recepção dos estímulos exógenos). Essa inversão da direção em que a energia é conduzida, possível apenas em condições especiais - como o sono ou em estados psicopatológicos - é, por essa época, denominado retrogressão.

Na formulação de 1900 (17), na qual o aparelho psíquico é ainda concebido em termos da oposição entre um pólo perceptivo e um pólo motor, a alucinação recebe uma explicação análoga à de 1895. Na ordem espacial horizontal aqui adotada, o sistema perceptivo ocupa o primeiro lugar, a ele se seguindo os vários sistemas mnêmicos, entre os quais os sistemas Incs. e o Prec.; finalmente, o Cs. é colocado na vizinhança do pólo motor, ou seja, em oposição ao pólo perceptual. Descritivamente, a regressão topográfica caracteriza aqueles fenômenos nos quais a ordem temporal habitual é contrariada. Ao invés da seqüência percepção-memória-pensamento-movimento, teríamos a ordem pensamento-memória-percepção. A formulação metapsicológica (explicativa) correspondente diz respeito à direção que a excitação assume na topografia do aparelho, i.e., à seqüência espacial dos sistemas percorridos (ao invés de Phi-Psi-Ômega, teríamos Psi-Phi-Ômega).

Como observa Malan (86) a aplicação do termo "regressão" a esse processo, feita por Freud a partir de 1900, é inadequada. Mesmo em suas implicações metapsicológicas, a expressão "regressão topográfica" não se refere a uma dissolução ou involução que tenha ocorrido no aparelho psíquico. Tratando-se tão somente da direção (reco) assumida pela corrente excitatória, o termo retrogressão, usado em 1895 para designar o mesmo processo, seria mais adequado.

A regressão temporal refere-se ao retorno a "formações psíquicas mais antigas" (86), e a regressão formal a meios de representação e expressão psíquicos mais primitivos. Essa distinção não é suficientemente clarificada por Freud. Recorrendo à sistematização de Malan (86), podemos concluir que a regressão temporal diz respeito às experiências e à história do próprio indivíduo. Ocorre quando memórias arcaicas, impulsos e traços de caráter primitivos, ligados à vida infantil, são revividos. A regressão formal, por sua vez, refere-se à utilização de processos ou modos de funcionamento mais primitivos, ou seja, ao retorno aos processos psíquicos primários.

Acerca da coincidência que Freud sugere existir entre os três processos, veremos a seguir (ainda acompanhando os passos de Malan), até que ponto ela efetivamente se mantém.

Na Carta 52, escrita a Fliess em 1896 (58), encontra-se uma elucidativa antecipação do modelo utilizado em 1900 (17), que fundamenta a idéia da simultaneida-

de das três formas de regressão. O aparelho psíquico é aí apresentado como resultado de um processo de estratificação. Além do pólo perceptivo situam-se vários níveis de "inscrição mnêmica". Em cada um desses níveis o material é "transcrito", sendo reordenado de acordo com novas modalidades associativas, de crescente complexidade. As sucessivas transcrições seriam efetuadas em diversas etapas do desenvolvimento ontogenético. Uma memória que não possa ser "traduzida" ao nível da camada superior, será processada segundo as leis do sistema em que ficou retida. Mantendo-se essa formulação, é perfeitamente adequada a proposição de que as memórias mais antigas são as de maior simplicidade formal, e, ao mesmo tempo, associam-se de modo mais superficial e primário e estão mais próximas ao pólo perceptivo. A retrogressão da excitação, nesse esquema, implica de fato os processos de regressão formal e temporal, justificando a afirmativa de Freud.

Com as reformulações sucessivas a que é submetida a teoria do aparelho psíquico, entretanto, esse modo simples de articulação é rompido.

Em primeiro lugar, o conceito de retrogressão acaba por esvaziar-se de qualquer valor explicativo desde que, a partir de 1915 (30), as funções de percepção e consciência passam a ser atribuídas ao mesmo sistema. A explicação do fenômeno da alucinação fica necessariamente alterada, como o próprio Freud o reconhece: "In the present connection, we may be allowed to assume that hallucination consists in a cathexis of the system Cs. (Pcpt.), which, however, is not affected - as normally -



from without, but from within". Esta concepção se mantém nos trabalhos posteriores e, em 1923 (33), o sistema Perceptual-Consciente é localizado na superfície do Ego. Assim, embora Freud continue a falar de regressão, o conceito perde todo o seu valor teórico, e mesmo descritivo. A partir de 1915, é em função de um distúrbio do sistema Pcpt. (Cs.) que a alucinação passa a ser explicada.

Quanto aos conceitos de regressão formal e temporal, vimos que sua simultaneidade é relativamente mantida na elaboração de 1900 (17). Os sistemas Incs. e Prec. (Cs.) são diferenciados por um duplo critério: as condições de funcionamento (processos primário e secundário), e a época de inscrição dos conteúdos mnêmicos. Na medida, portanto, em que memórias mais antigas são submetidas ao processo primário e as mais recentes ao secundário, os conceitos de regressão formal e temporal podem ser dito simultâneos.

Mas com a adoção, a partir de 1915, e principalmente a partir de 1923, do critério do "modo de funcionamento" como base para a diferenciação dos sistemas, e o concomitante abandono do critério evolutivo, os processos de regressão formal e temporal deixam de ser coincidentes.

## CAPÍTULO 3

### O PRINCÍPIO DO PRAZER

O "princípio do prazer" (Lustprinzip) foi batizado apenas em 1911 (23). De fato, uma clara utilização do conceito correspondente já estava presente desde o Projeto e da Interpretação dos Sonhos (53, 17). Desempenha papel importante nas formulações posteriores (31, 33, 40, 45), embora nem sempre com o mesmo significado.

No artigo "Contribuições à Controvérsia sobre 'o Ponto de Vista Econômico'" (8), Barros analisa a utilização que Freud faz do conceito de princípio do prazer (da qual depende a própria definição do "ponto de econômico") e mostra a presença, sob essa designação, de dois conceitos diversos, empregados por seu criador alternativa ou simultaneamente, sem que ele se desse conta de tal ambigüidade. Seguindo o roteiro apontado por Barros, retomaremos o caminho trilhado por Freud na construção do conceito (ou conceitos) de princípio do prazer. Nossa intenção precípua é aqui a de investigar até que ponto e em que sentido o princípio do prazer deve ser contrastado com o princípio de realidade.

#### 3.1 - O Princípio do Prazer e o Princípio de Constância

Uma vez mais, retornamos ao Projeto de 1895 (53). Aí encontramos os primeiros traços do que viria a constituir, em 1911 (23), o princípio do prazer. Ao discutir a função do sistema Ômega, Freud distingue, entre os conteúdos da consciência, a "série das sensações de prazer e de desprazer". Esta poderia, segundo ele, ser explicada mediante uma hipótese que, concebendo Psi e

Ômega como vasos intercomunicantes, faria dela o resultado do reflexo, no sistema Ômega, das oscilações do nível tensional das catexes do sistema Psi-nuclear. O desprazer resultaria do aumento da tensão em Psi-nuclear e o prazer corresponderia à sensação de descarga. Declarando-se inclinado a estender a hipótese, Freud sugere uma identificação entre a tendência à evitação do desprazer (que seria, segundo ele, conhecida como característica básica da vida psíquica) e a tendência à redução da tensão catética, própria da função neurônica secundária, subordinada ao princípio da constância.

Esta vinculação com o princípio de constância confere ao princípio do prazer o primeiro dos significados a que nos referimos. Sua importância não é apenas histórica. De fato, ela subsiste ao estabelecimento de uma outra relação (em 1900 (17)), que conferiu ao mesmo princípio um sentido diverso.

Impõe-se aqui, portanto, em primeiro lugar, de finir o princípio de constância e retrazar sua utilização por Freud.

A primeira aparição, em obra publicada, da expressão "princípio de constância" ocorreu apenas em 1920, em Além do Princípio do Prazer (31). Mas, de fato, o princípio fora implicitamente utilizado desde as primeiras formulações sobre a teoria das neuroses (15, 16) e foi explicitado - ainda que não designado - em 1900 e 1915 (17, 26).

Mas uma enunciação formal do princípio, com o mesmo nome que receberia em 1920 (31), já constava de um rascunho que, em 1892, Freud escreveu para a "Comunicação Preliminar" (47). Nesse texto, que permaneceu inédito até 1940, encontramos a seguinte definição do princípio de constância (Konstanzprinzip): "The nervous system endeavours to keep constant something in its functional relations that we may describe as the 'sum of excitation' (Erregungssumme). It puts this precondition of health into effect by disposing associatively of every sensible accretion of excitation or by discharging it by an appropriate motor reaction" (47, pp. 153, 154). O conceito se refere, portanto, ao fator intensivo da energia neurônica, função da relação entre quantidade de excitação (Erregungsgrösse) e a capacidade de resistência do sistema nervoso. É essa intensidade (que o princípio de constância procura manter constante) que coincide com a noção de nível de catexes, ou ainda com a de excitação tônica de Breuer (7). Nas palavras de Barros, o princípio de constância é "um enunciado termodinâmico sobre a estabilidade de equilíbrio no sistema Psi-nuclear" (8, p. 47), em relação às perturbações do nível de catexes. Qualquer elevação desse nível tenderá ser "compensada" através do deslocamento ou da descarga das quantidades (Erregungsgrösse) excedentes.

Na Interpretação dos Sonhos (17), embora sem a designação apropriada, o princípio é enunciado, em conexão com os processos de um sistema nervoso funcionando ao nível de Psi-nuclear: "(...) a primitive psychical apparatus, whose activities are regulated by an effort to avoid an accumulation of excitation and to maintain itself so far as possible without excitation" (17, p. 598).

O princípio é também claramente explicitado em 1915: "The nervous system is an apparatus which has the function of getting rid of the stimuli that reach it, or of reducing them to the lowest possible level; or which, if it were feasible, would maintain itself in an altogether unstimulated condition" (26, p. 120). Logo a seguir, no mesmo texto, a relação de concomitância entre este postulado e o princípio do prazer, sugerida desde o Projeto, é reafirmada: "When we further find that the activity of even the most highly developed apparatus is subjected to the pleasure principle, i.e., is automatically regulated by feelings belonging to the pleasure-unpleasure series, we can hardly reject the hypothesis that these feelings reflect the manner in which the process of mastering stimuli takes place, certainly in the sense that unpleasurable feelings are connected with an increase and pleasurable feelings with a decrease of stimulus" (26, p. 120).

Ainda que, neste mesmo trabalho, Freud afirme não poder estabelecer precisamente o caráter da relação existente "between pleasure and unpleasure, on one hand, and fluctuations in the amounts of stimulus affecting mental life, in the other" (26, p. 121), a relação em si mesma não é posta em dúvida. em 1920 e 1924 (Além do Princípio do Prazer e O Problema Econômico do Masoquismo), o mesmo ponto volta a ser discutido. Reconhecendo que, eventualmente, o acréscimo de excitação não se faz acompanhar pela sensação de desprazer (como no caso da estimulação sexual), Freud admite que talvez não se possa pensar numa razão simples e direta entre aumento de tensão e desprazer. Formula então a hipótese que asso-

cia as sensações de prazer e desprazer a uma característica temporal da excitação, isto é, torna-as dependentes do ritmo em que se alterariam as quantidades de excitação. Ainda assim, o princípio do prazer permanece como concomitante dependente das vicissitudes da intensidade da energia neurônica no sistema Psi-nuclear - quer em termos do montante de estimulações de fonte endógena que o atinjam, quer do ritmo em que estas façam oscilar o seu nível catético.

Em 1917, nas Conferências Introdutórias XII e XXIII, a relação entre os dois princípios é reafirmada em termos quase idênticos (29).

Finalmente, em Além do Princípio do Prazer (31), e desta vez sem a omissão do nome empregado em 1892, o princípio de constância volta a ser enunciado. Além disso, a relação com o princípio do prazer, aventada em 1895 (53) e em 1915 (26) em caráter de hipótese, recebe aqui um cunho afirmativo, categórico. Após declarar que "(...) the mental apparatus endeavours to keep the quantity of excitation present in it as low as possible or at least to keep it constant", diz que esta hipótese é a própria expressão da dominância do princípio do prazer na vida mental, ou ainda, "only another way of stating the pleasure principle" (31, p. 9). Respeitando a identidade que é assim estabelecida, Freud chega mesmo a definir o princípio do prazer pelo princípio da constância: "The pleasure principle, then, is a tendency operating in the service of a function whose business is to free the mental apparatus entirely from excitation or to keep the amount of excitation in it constant or to keep it as low as possible" (31, p. 62).

No verbete que em 1926 escreve para a Enciclopédia Britânica (40), encontramos a mesma afirmação: "The course of mental processes is automatically regulated by the pleasure principle, and unpleasure is in some way related to an increase of excitation and pleasure to a decrease" (40, p. 266).

Recortando passagens de textos que cobrem o período que vai de 1892 a 1926, vimos que encontraríamos argumentos suficientes para concluir, pura e simplesmente, que o "princípio do prazer" reduz-se ao princípio da constância: Mas uma leitura "recortada" de Freud encerra perigos. Muitas vezes nos mesmos textos, e até nos mesmos parágrafos, encontraremos outra definição de princípio do prazer, de implicações bem diversas.

### 3.2 - O Princípio do Prazer os Processos Psíquicos Primários

Sugerida desde o Projeto, a relação de concomitância entre o princípio do prazer e o princípio da constância manteve-se até a fase final da teorização freudiana.

Entretanto, outra vinculação fora também estabelecida, desde 1900: no capítulo VII da Interpretação dos Sonhos (17) o princípio do prazer é apresentado como responsável pela regulação dos processos psíquicos primários, processos atribuídos ao "Primeiro Sistema Psíquico" (O Incs., correspondente a Psi-pallium).

Compondo, juntamente com o sistema Prec. (Cs.), o aparelho psíquico, o Incs. é a sede de processos que envolvem relações com o mundo objetal externo, cuja explicação não se esgota, ao contrário dos fenômenos que ocorrem ao nível de Psi-nuclear, pela exclusiva aplicação de modelos físicos. Até Psi-nuclear assistimos à tendência - como decorrência da elevação do nível de intensidade catética provoca pelo influxo das estimulações somáticas - a descarregar as quantidades excedentes de excitação. As vias de descarga utilizadas por esta tendência (Drang) são aquelas já adquiridas e organizadas filogeneticamente (reflexos). Já o sistema Incs. depende, em sua própria constituição, não apenas de aquisições biológicas e aprendizagens filogenéticas, mas da aprendizagem ontogenética realizada através das experiências originárias de satisfação e de dor.

A caracterização dos processos que ocorrem neste Primeiro Sistema Psíquico faz necessariamente intervir a conceituação das forças de desejo e repulsa. Ambas são irredutíveis quer ao conceito de pulsão somática (Triebe), quer à tendência à descarga exibida pelos neurônios de Psi-nuclear (Drang).

Vimos que o impulso do desejo (Wunschregung) implica uma facilitação entre o aumento da intensidade catética em Psi-nuclear e a imagem mnêmica do objeto percebido (Erinnerungsspur) na experiência de satisfação. Sua trajetória não leva diretamente à descarga. É uma tendência psíquica de caráter teleológico, tendo como objeto (Objekt) e restabelecimento da percepção (Wahrnehmung) do



objeto de satisfação. Só quando efetuada essa (re)percepção o processo de descarga em Psi-nuclear poderá ser desencadeado. A função neurônica secundária encontra-se, portanto, sujeita a uma inibição. Os processos psíquicos primários que agora se interpõem entre a tensão de necessidade e a descarga constituem novos elos, que conferem à cadeia que leva da estimulação à descarga um caráter psico-dinâmico: é na relação com objetos do mundo externo que o aparelho psíquico atualiza seu funcionamento.

A força propulsora dos processos psíquicos primários - o impulso do desejo e a repulsa - têm caráter direcional e teleológico (7). Através dela um vínculo se estabelece entre o que ocorre no soma e o que transcende o próprio aparelho psíquico, isto é, os objetos satisfatórios e hostis. O fato de que o objeto de satisfação tenda a ser reapercebido inicialmente através do fenômeno da alucinação - i.e., nas formulações de 1895 e 1900 (53, 17), pela retrogressão da energia no interior do aparelho psíquico -, não anula o caráter relacional e psicodinâmico do processo. O psiquismo que alucina foi antes capaz de perceber, de memorizar, de associar.

No capítulo VII da Interpretação dos Sonhos (17) Freud descreve a atualização da força do desejo: "An essential component of this experience of satisfaction is a particular perception (that of nourishment, in our example) the mnemic image of which remains associated thenceforward with the memory trace of the excitation produced by the need. As a result of the link that has thus been established, next time this need

arises a psychical impulse will at once emerge which will seek to re-cathect the mnemic image of the perception and to re- evoke the perception itself, that is to say, to re-establish the situation of the original satisfaction" (17, p. 565, o grifo é nosso). O desejo é a força que atua, uma vez evocada a imagem mnêmica do objeto de satisfação (Vorstellung), no sentido de (re) percebê-la (Wahrnehmung): "An impulse of this kind is what we call a wish; the reappearance of the perception is the fulfilment of the wish" (17, p. 565).

Associado às forças do desejo e da repulsa, o princípio do prazer assume novo significado. Já não pode ser definido como um princípio regulador de processos neurofisiológicos. Já não expressa apenas (como o princípio da constância o faz) a tendência à descarga. Para enfatizar a nova dimensão que o conceito adquire, Barros propõe que lhe seja dado um nome diverso (7). Fala, então, de "princípio de relações objetais" ou "princípio de realização de desejo" para designar a regulação das forças psíquicas (desejo e repulsa) responsáveis pelo funcionamento de Psí-pallium, ou Incs, estrutura que ele define como "an extremely complex, structured system, rich an inborn (instinctive) and learned harnessing devices" (7, p. 84). A expressão "princípio do prazer" ficaria reservada para designar o princípio, idêntico ao da constância, que regula os processos terminâmicos de Psí-nuclear (7). No mesmo intuito de frisar a existência, sob o mesmo nome, de conceitos irreduzíveis entre si, Barros falará, em 1975 (8), de princípios do prazer.

Na seção E do capítulo VII da Interpretação dos Sonhos (17), ao discutir as "conseqüências psíquicas da experiência de satisfação", Freud fala da tendência à satisfação do desejo (e não à mera descarga), como desencadeada pelo acúmulo de excitação em Psi-pallium - sentida como desprazer -: "A current of this kind in the apparatus, starting from unpleasure and aiming at pleasure, we have termed a wish" (17, p. 598).

Como vimos ao tratar da experiência de dor e do processo de defesa primária, o desprazer pode se fazer presente em Psi-pallium independentemente da pressão dos estímulos endógenos sobre Psi-nuclear. É a evocação do objeto hostil, desencadeando a ação dos neurônios secretores, que provoca a produção do afeto, estado desprazeroso de tensão, que será compensado pela repulsa. A compensação não implica aqui nenhum processo de descarga, mas apenas a retirada das catexes que energizavam o engrama do objeto hostil. Aqui temos, mais uma vez, em situação simétrica à do desejo, um desprazer que depende não do nível de intensidade catética em Psi-nuclear, mas do caráter hostil de uma memória evocada em Psi-pallium.

Fica claro, portanto, que o princípio regulador em função do qual "the first psi-system is totally incapable of bringing anything disagreeable into the context of its thoughts", e tende a alucinar o objeto de desejo, é algo bem diverso daquele princípio idêntico ao de constância. A lei da constância explica a busca de descarga de quantidades excedentes, mas não é capaz de servir como princípio regulador de atividades que, implicando uma interação entre o psiquismo e a realidade

externa (percebida ou evocada), constituem, inclusive, obstáculos à descarga imediata.

Em 1911, no trabalho sobre Os Dois Princípios do Suceder Psíquico (23), a relação entre o princípio do prazer e os processos psíquicos primários é reafirmada: "The governing purpose obeyed by these primary processes is easy to recognize; it is described as the pleasure-unpleasure (Lust-Unlust) principle, or more shortly, the pleasure principle. These processes strive towards gaining pleasure; psychical activity draws back from any event which might arouse unpleasure" (23, p. 219). E é sob essa acepção que o princípio do prazer será contrastado, nesse mesmo texto, com o princípio da realidade.

Em 1915(28), os processos primários recebem a seguinte descrição: "The Ucs. processes pay just a little regard to reality. They are subject to the pleasure principle; their fate depends on how strong they are and on whether they fulfil the demands of the pleasure-unpleasure regulation" (28, p. 187). O "and" foi grifado por nós. Vemos nesta passagem que, a dependência da intensidade das catexes, é juxtaposta a regulação pelo princípio do prazer. Esta dirá respeito à tendência a perceber as vivências satisfatórias evocadas (em situações de necessidades) e a evitar as memórias hostis.

Supomos que as passagens até o momento citadas e analisadas tenham sido suficientes como suporte à idéia que aqui defendemos: com a expressão "princípio do prazer" Freud se referiu a dois princípios, responsáveis

pela regulação de processos diversos quanto ao nível ou estrato do aparelho psíquico em que atuam, quanto à natureza (termodinâmica ou extratermodinâmica) dos conceitos envolvidos, e quanto ao seu grau de complexidade.

O quanto essa distinção não foi devidamente levada em conta por Freud fica bem claro nos textos de 1920 e 1926 (31, 40). Em Além do Princípio do Prazer, após ter frisado, a identidade entre o princípio do prazer e o princípio da constância, afirma: "We know that the pleasure principle is proper to a primary method of working on the part of the mental apparatus (...). Under the influence of the ego's instincts of self-preservation, the pleasure principle is replaced by the reality principle" (31, p. 102) no verbete escrito para a Enciclopédia Britânica, os dois sentidos mais uma vez se confundem: "The course of mental process is automatically regulated by the 'pleasure-unpleasure principle'; and unpleasure is thus in some way related to an increase of excitation and pleasure to a decrease. In the course of development the original pleasure principle undergoes a modification with reference to the external world, giving place to the 'reality principle'" (40, p. 266). A ausência de discriminação, verificada nessas duas passagens, entre os dois sentidos atribuídos ao princípio do prazer implicaria, em última análise, a anulação da diferença entre o funcionamento de Psi-nuclear e Psi-pallium (quando, de fato, tanto a tensão quanto as forças compensadoras características dos dois sistemas são diversas). Os processos psíquicos primários já modificam o princípio de constância.

A análise precedente nos permitiria estabelecer, desde já, uma distinção entre os sentidos que assume em Freud a palavra prazer: prazer<sub>1</sub> - proporcionado pelo reflexo, na Cs., da descarga de quantidades excedentes em Psi-nuclear; prazer<sub>2</sub> - concomitante ou à percepção (alucinatória ou real) do objeto de satisfação, ou à defesa primária. Indo mais longe, poderíamos distinguir ainda um terceiro "prazer", aquele que o princípio de realidade virá garantir. Teríamos então o prazer<sub>3</sub> - concomitante à satisfação da necessidade somática, garantido quando a pulsão instintiva atinge sua finalidade (Ziel).

No decorrer do presente trabalho, reservaremos a designação "princípio de constância" para o processo regulador da função neurônica secundária e responsável pela garantia do prazer<sub>1</sub>. O termo "princípio do prazer", que a seguir contrastaremos com o princípio de realidade, será sempre entendido como o responsável pela regulação dos processos primários, norteados pela busca do prazer<sub>2</sub>, processos que têm como sede o sistema Psi-pallium (ou Incs, ou Id).

## CAPÍTULO 4

### O PRINCÍPIO DA REALIDADE

O princípio da realidade, e suas articulações com os conceitos de prova de realidade, princípio do prazer e processos psíquicos secundários - é este o tema do presente capítulo. Mais uma vez, nossa tentativa de clarificação conceitual nos leva a um retorno ao Projeto, a partir do qual acompanharemos as principais reformulações a que foram submetidos os vários conceitos.

#### 4.1 - Princípio da Realidade e Prova de Realidade

O termo "prova de realidade" (Realitätsprüfung) foi introduzido por Freud apenas em 1911 (23). Desde o Projeto (53), entretanto, encontramos a discussão do problema a que diz respeito, bem como o uso de uma expressão equivalente: sinal ou indicação de realidade (Realitätszeichen).

A satisfação alucinatória do desejo não preenche a necessidade que está à base do estado tensional que vigora no aparelho psíquico. A descarga depende da presença efetiva (externa) do objeto de satisfação. faz-se necessário um critério que permita a distinção entre o evocado e o percebido.

Na formulação de 1895 (53), tal critério depende, em última análise, da ação inibitória exercida pelo ego. Toda percepção externa provoca a excitação do sistema neurônico Ômega, cuja descarga tem o valor de indicação de realidade para o sistema Psi-pallium. Mas a catetização intensa de um engrama mnêmico também exci-

ta Ômega, e Psi-pallium recebe a mesma informação que acompanha a ocorrência de uma percepção externa, produzindo-se então o fenômeno da alucinação.

Portanto, se cabe a Ômega emitir as "indicações de realidade", estas só funcionam como tais, isto é, só adquirem valor de critério, se os deslocamentos de catexe em Psi-pallium estão inibidos. A catexe moderada (ou "ligada") de um engrama produz uma evocação que, não se fazendo acompanhar por indicações de realidade, pode ser diferenciada de uma percepção atual.

Só ao nível de Psi-pallium inibido pelo ego, portanto, podemos falar de um critério de realidade - "Inhibition by the ego (...) makes possible a criterion for distinguishing between perception and memory" (53, p. 327). A utilização de tal critério é colocada, no mesmo texto, como condição dos processos psíquicos secundários.

Na Parte III do Projeto, a possibilidade de utilizar os sinais de realidade é considerada um passo decisivo no processo de desenvolvimento do ego: "It (the ego) learns first that it must not cathect the motor images, so that discharge results, until certain conditions have been fulfilled from the direction of perceptions. It learns further that it must not cathect the wishful idea beyond a certain amount since otherwise it would deceive itself in an hallucinatory manner" (53, p. 369).



Em várias passagens das Partes I e III do Projeto, como nesta que viemos de citar, Freud faz depender o caráter alucinatorio das idéias desejosas da intensidade com que são investidas. A catexe ligada impediria a alucinação pelo fato de reduzir as intensidades em deslocamento. Ao falar dos sonhos, entretanto, na Seção 20 da Parte I, Freud lança outra hipótese para a explicação da alucinação (aparentemente sem se dar conta de sua novidade em relação ao que já desenvolvera nas seções anteriores), hipótese que assumirá grande relevo na formulação de 1900 (17). Ao enumerar as características do sonho, destaca uma delas como a mais importante: "Dreams are of an hallucinatory kind; they awake consciousness and meet belief" (53, p. 339). E, ao invés de atribuir tal característica à intensidade com que as catexes livres se deslocam, torna-a dependente da direção tomada pela excitação, isto é, de sua retrogressão ao sistema Phi. Tal retrocesso ocorreria sempre que alguma memória fosse evocada sob a vigência do processo primário: "We might revert to the nature of primary process and point out that only inhibition by the ego has taught us never to cathect a perceptual image in such a way that it is able to transfer Q̄ retrogressively to Phi" (53, p. 339). Esta hipótese é claramente diversa daquela que expusera na página 327 e que retomará à página 369.

Em 1896, em carta a Fliess (55), o esquema do aparelho psíquico é reformulado, mas a hipótese de que a retrogressão da energia está à base da alucinação volta a ser mencionada. O sistema Ômega localiza-se agora entre Phi e Psi. Toda percepção externa é consciente, ao pas-

so que os fenômenos em curso no sistema Psi adquirem uma consciência "secundária e artificial" ao se ligarem a processos de descarga e percepção (associações verbais). A retrogressão de catexe responsável pela alucinação já não prossegue até o sistema Phi, detendo-se em Ômega.

Na Interpretação dos Sonhos (17), o problema volta a ser discutido. A alucinação é explicada pela retrogressão da energia ao pólo perceptual do aparelho. Freud não fala do sinal de realidade, mas vincula o caráter alucinatório das representações oníricas ao fato de assumirem (em função da retrogressão ao polo perceptual) qualidades sensoriais. Em um de seus aspectos o sonho seria equivalente ao devaneio - ambos representam a realização de um desejo. Uma segunda característica, entretanto, os diferenciaria: "(...) dreams differ from day dreams in their second characteristic, namely, in the fact that their ideational content being transformed from thoughts into sensory images, to which belief is attached and which appear to be experienced" (17, p. 535). Toda essa colocação nos parece bastante questionável. Quanto à primeira característica - a representação do desejo como satisfeito -, não nos parece que ela esteja presente da mesma maneira no sonho e no devaneio. Quanto à "segunda", ela a nosso ver é desdobrável, contendo dois traços, estes sim independentes e capazes de funcionar como critério na diferenciação entre sonho e devaneio. Uma coisa é a "transformação de pensamentos em idéias sensoriais", e isto podemos fazer devaneando. Outra, diversa, é a crença na sua realidade. A visualização de um objeto, por exemplo, não implica neces-

sariamente a convicção de sua presença ante os olhos. Mas o próprio Freud daria a devida consideração a essa diferença quinze anos mais tarde, como veremos.

No trabalho sobre Os Dois Princípios do Suces- der Psíquico (23) vamos encontrar, como antecipamos, o uso do termo prova de realidade, embora não uma definição do mesmo, nem a descrição de seu funcionamento ou a clara explicitação de sua relação com o princípio da realidade. Uma das conseqüências da introdução do princípio da realidade na vida psíquica seria a liberação - que Freud compara à criação de uma "reserva florestal" - de uma área da atividade mental ao domínio do princípio do prazer. Suas palavras são estas: "with the introduction of the reality principle one species of thought activity was split off; it was kept free from reality testing (Realitätsprüfung) and remained subordinate to the pleasure principle. This activity is phantasying, which begins in children's play, and later, continued with as day-dreaming, abandons dependence on real objects" (23, p. 222; o grifo é nosso). E acrescenta, em nota ao pé da página: "In the same way, a nation whose wealth rests on the exploration of the products of its soil will yet set aside certain areas for reservation in their original state and for protection from the changes brought about by civilization" (23, p. 222). Esta analogia é significativa: a atividade de pensamento que fica "liberada" não é a do Inconsciente, tal como se manifesta nos sonhos ou delírios. Em uma reserva florestal, a natureza é resguardada por iniciativa do poder que empreende a civilização. No mesmo sentido, as ativi

dades que Freud aponta como escapando à "prova de realidade" após a instauração do princípio da realidade são o brinquedo e a fantasia, em que a relação com o real é deliberadamente limitada, ou abandonada. Sobre essas mesmas atividades ele dissera, em 1908 (21): "The opposite of play is not what is serious but what is real. In spite of all the emotion with which he cathects his world of play, the child distinguishes it quite well from reality" (p. 144, o grifo é nosso). Também o adulto ao "sonhar acordado" ou o romancista, dispensando até mesmo a utilização de objetos tangíveis do mundo externo (os brinquedos que a criança usa), concebem um novo mundo, "while separating it sharply from reality" (21, p. 144). Não se pode dizer que tais atividades sejam o sinal de uma perda do princípio de realidade. Há uma mera "suspensão" da prova de realidade.

A partir destas considerações, consideramos que a prova de realidade pode ser encarada como algo que o aparelho psíquico submetido ao princípio da realidade tem a seu dispor: utiliza-a quando se faz necessário o confronto entre o pensado e o percebido, conserva-o em suspenso nas situações em que, ausentes as grandes pressões provenientes do soma ou do mundo externo, pode dar livre curso às suas representações. A afronta ao princípio da realidade só se faz presente quando esse livre curso é mantido em detrimento da atenção devida às necessidades de sobrevivência e segurança, ou quando deixa de haver aquela nítida separação entre o que é produto da fantasia e o que é real.

Esse pensar desvinculado do real efetivamente percebido no momento pode seguir as leis do processo primário - tendendo a representar os desejos "como se" realizados, o devaneio admite o absurdo, a infração das exigências da lógica, a desatenção às categorias de tempo e espaço, etc. - ou obedecer ao mais estrito rigor. Somos levados, portanto a conceber uma relativa independência entre o nível em que se processam os pensamentos (primário ou secundário) e o uso da prova de realidade ao contrário do que Freud sugeriu no Projeto. Veremos, adiante que a reformulação da concepção do aparelho psíquico procedida em 1915 (30) virá equacionar esse problema.

Por hora, interessa-nos frisar o que podemos concluir acerca da relação entre os conceitos "prova de realidade" e "princípio da realidade": eles não se superpõem, ou se implicam mutuamente. O uso da prova de realidade é apenas uma propriedade do psiquismo regulado pelo princípio de realidade. Para funcionar segundo um determinado parâmetro, um aparelho deve necessariamente, dispor de um instrumento que lhe permita captá-lo. Só podemos conceber o psiquismo funcionando sob o princípio do prazer, por exemplo, se lhe atribuimos a capacidade de captar as qualidades de prazer-desprazer das experiências que efetua. No funcionamento psíquico normal, o instrumento que permite a captação do parâmetro "realidade externa" não precisa ser constantemente utilizado. Faz-se valer, no entanto, sempre que necessário - a criança que brinca de "comidinha" pode interromper o "faz-de-conta" e ir buscar um bolo real, se sente fome.

No sonho a prova de realidade é suspensa independentemente do arbítrio do sujeito e, nas psicoses, haveria uma disfunção do próprio instrumento. Em nítido contraste com as situações de brinquedo e fantasia, o desejado é, tanto no sonho quanto nos delírios, representado como efetivamente presente. Não se trata mais do "como se" presente no devaneio do adulto ou criança normais, já que um e outro mantêm a consciência de serem autores e sede do que figuram e promovem. No sonho, no delírio, o sujeito é descentrado - converte-se em espectador de uma realidade que "é", independentemente de seus "desejos", embora aqui eles alcancem seu mais alto grau de soberania.

No Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos (30), escrito em 1915, Freud retoma a discussão do problema da prova de realidade em termos bem mais satisfatórios que nos trabalhos anteriores (53, 17, 23). Retificando o que defendera em 1900 (17), reconhece que a retrogressão ao pólo perceptual e a conseguinte aquisição de qualidades sensoriais por parte de uma idéia não implica sua alucinação: "(...) we are quite familiar with situations in which a process of regressive reflection brings to consciousness very clear visual mnemonic images, though we do not on that account for a single moment take them for real perceptions" (30, p. 231). E, passo ainda mais significativo, aproxima a consciência e a percepção, que passam a constituir uma só instância: o sistema Perceptual-Consciente. Isto implica o abandono das idéias do Projeto e da Interpretação dos Sonhos acerca da dependência existente entre a prova de realidade e a "ligação" das catexes de Psi-pallium (com a concomitante secundarização dos

processos psíquicos). A alucinação deixa de ser vista como dependente da intensidade ou da direção assumida pela excitação nos sistemas mnêmicos, passando a ser considerada uma manifestação de distúrbios do próprio sistema Pcpt-Cs.

Em 1923, (33), na terceira teoria do aparelho psíquico, este sistema Pcpt-Cs. é considerado o núcleo a partir do qual o Ego se desenvolve. Tal núcleo, segundo Freud, mantém-se à superfície do sistema constituído pelo Ego "(...) more or less as the germinal disc rests upon the ovum" (33, p. 24). A perda da prova de realidade passa a ser vista, portanto, como resultado de disfunções dessa porção nuclear e superficial do Ego. É através do contato com a realidade, mantido através do sistema Pcpt-Cs., que o Ego se estrutura. O princípio da realidade é a expressão de seu funcionamento global, enquanto sistema, segundo não apenas as percepções do mundo externo, mas de todo um conjunto de regras apreendidas no contato com os objetos.

Concluindo, podemos observar que em suas últimas abordagens ao problema, Freud estabelece firmemente a relação da prova de realidade com o Ego, colocando-a a seu serviço. Não se trata mais, como no Projeto (53), de distinguir entre alucinação e percepção. É quando a alucinação já não é possível, quando o princípio do prazer perdeu sua soberania e a "equação entre percepção realidade" (45) foi rompida que se torna necessária a "prova de realidade". No trabalho de 1925 sobre A Negação, Freud escreve: "A precondition for the setting up of reality

testing is that objects shall have been lost which at once brought satisfaction" (38, p. 238). Finalmente, em 1938, (45), é quando, através do enlace verbal, os processos internos do ego adquirem a possibilidade de acesso à consciência que a prova de realidade se faz necessária. Ou seja, é quando, ao lado de uma realidade externa, uma realidade de pensamento se instaura e se torna perceptível que "a special device is called for in order to distinguish between the two possibilities - a device known as reality testing" (45, p. 162).

A identificação da representação (Vorstellung) como tal e a possibilidade de confrontar o representado com o que se oferece à percepção, a partir do mundo externo, é, portanto, um dos instrumentos de que se serve o Ego para funcionar segundo o princípio da realidade, não sendo entretanto nem suficiente nem estritamente necessária para garantir tal submissão (o devaneio, como vimos, é uma situação em que a prova de realidade é suspensa sem que o princípio de realidade seja abandonado).

#### 4.2 - O Princípio da Realidade e o Princípio do Prazer

Na tentativa de clarificar o conceito de princípio do prazer vimos que Freud o considera, alternativa ou simultaneamente, como o responsável pela regulação de dois processos: (1) a tendência a manter um determinado nível de intensidade catética através da descarga das quantidades excedentes, e (2) a tendência à satisfação imediata do desejo e à evitação do desprazer (vinculado à memória do objeto hostil) que preside aos processos primários. De acordo com Barros (8), vimos a necessidade de



distinguir dois princípios reguladores, tão irredutíveis entre si quanto os processos que expressam sua vigência. A tendência à descarga, ou função neurônica secundária, é subordinada ao princípio de constância; os processos psíquicos primários, e somente estes, expressam o domínio do princípio do prazer.

Trata-se agora de discutir como se articulam os princípios do prazer e da realidade. Como primeiro passo, retomaremos um ponto a que já aludimos: quando, de um ponto de vista ontogenético, consideramos o psiquismo em seus primórdios, submetido exclusivamente ao princípio do prazer, tendemos em geral a ressaltar a desconsideração à realidade que então vigora: a autonomia e onipotência dos processos primários. No entanto, as operações autísticas de alucinação e repulsa pressupõem as experiências efetivas com objetos externos, presentes desde o início. Ao introduzir, em 1911 (23), o princípio da realidade, Freud procurou ressaltar a magnitude das alterações acarretadas por este "momentous step" em que se constitui seu estabelecimento, de tal modo que a leitura desse único texto poderia levar à conclusão de que é só por ocasião da superação dos processos primários que as relações com o mundo externo adquirem significação para a vida psíquica. Aqui, novamente, são as formulações do Projeto (53), relativas às experiências de satisfação e de dor, que permitem a adequada colocação do problema. Tais experiências estão presentes a partir do nascimento e são elas que inauguram, ao atualizar potencialidades filogeneticamente construídas, a vida psíquica propriamente dita. Ainda que o bebê não se diferen-

cie do seio que o satisfaz (é preciso que um eu esteja constituído para que um não-eu seja concebido como tal), ele efetivamente o experimenta. E apenas esta experiência com um objeto real externo, e os processos fisiológicos que a acompanham, podem reduzir a tensão de necessidade - exercida também "de fora", isto é, a partir do soma - e o desprazer por ela gerado. É por ter, num primeiro momento garantido a satisfação real de uma necessidade somática que o objeto de satisfação se converte em objeto de desejo.

A superação do princípio do prazer exige o rompimento de uma vinculação compulsiva entre a evocação e a alucinação do objeto desejado. Trata-se menos da possibilidade de perceber o seio quando presente que da possibilidade de representá-lo, quando ausente, como tal (i.e. como representação). É a medida em que se torna capaz de evocar, tolerando a ausência do objeto, que o psiquismo se habilita, por outro lado, a perceber como tais os estímulos externos (tolerando sua presença, mesmo quando desprazerosos). Assim, com o estabelecimento progressivo do princípio da realidade, não é apenas o modo de acesso à realidade externa que se altera. A relação com os objetos reais só se torna mais discriminada porque a relação com seus representantes sofre alteração análoga. É por tolerar a pressão do desejo sem apelo à alucinação e a evocação do objeto desprazeroso, sem recurso à defesa primária, que o aparelho psíquico torna-se apto a formar "a conception of the real circumstances in the external world and to endeavour to make a real alteration in them" (23, p. 219). A defesa primá-

ria é substituída pelo "processo imparcial do juízo". O desejo, secundarizado, torna-se desejo do objeto mesmo, e o choro, de início simples expressão de descarga, assume o valor de ação sobre o meio, ao ser utilizado como via de comunicação e apelo (53, 17, 23).

Uma vez discriminadas, realidade interna (endo-psíquica) e externa podem ser confrontadas, abrindo-se uma dupla possibilidade: por um lado, as representações e seu processamento podem adequar-se às circunstâncias do real; por outro, as condições do meio externo podem ser efetivamente alteradas, segundo um modelo pensado ou representado, através da ação.

Acerca da relação entre os dois princípios, escreve Freud em 1911: "Actually, the substitution of the reality principle for the pleasure principle implies no depositing of the pleasure principle but only a safeguarding of it. A momentary pleasure, uncertain in its results, is given up, but only in order to gain along the new path an assured pleasure at a later time" (23, p. 223). Temos nesta passagem, de fato, a utilização de dois sentidos da palavra "prazer" e mesmo da expressão "princípio do prazer". O princípio do prazer que é substituído pelo princípio da realidade é aquele que definimos como dizendo respeito à busca de identidade perceptual com o objeto de satisfação, através da via "mais curta" da alucinação. O que persiste, ou, mais ainda, é salvaguardado, é a tendência à satisfação da necessidade. O "prazer momentâneo", derreístico e por isso insatisfatório e frustrante (prazer<sub>2</sub>) cede lugar ao "pra-

zer seguro", o prazer que decorre da satisfação da necessidade (prazer<sub>3</sub>). Este terceiro sentido da palavra prazer, já mencionado, (o primeiro e o segundo correspondem, respectivamente, à descarga e à identidade perceptual alucinatória com o objeto de satisfação) é o prazer garantido pelo alcance da satisfação efetiva da necessidade, satisfação que só o princípio da realidade, ao permitir a tolerância à frustração, o correto conhecimento do meio e a execução da ação específica, pode garantir.

Antes que o princípio da realidade se estabeleça, na ontogênese, a sobrevivência é assegurada exclusivamente pelos cuidados incondicionais de uma figura materna que provê a satisfação. A dependência prolongada do ser humano é que permite sua sobrevivência, por certo período como organismo incapaz de fazer face às próprias necessidades, sem qualquer consideração por sua segurança e auto-conservação. Freud chega a dizer que o princípio da realidade só se instaura efetivamente quando da obtenção, por parte do indivíduo, de uma "completa independência psíquica em relação aos pais" (23).

Finalmente, é importante observar que o princípio da realidade se impõe em virtude da própria ineficácia dos processos primários na obtenção do prazer seguro, decorrente da satisfação (prazer<sub>3</sub>). É por se acompanhar de frustração, de desprazer, que a alucinação é abandonada. Em O Instinto e suas Vicissitudes (26), Freud define o instinto como uma força que, tendo origem (Quelle) em um estado de perturbação somática, e dotada

de uma determinada pressão (Drang), visa, em última ins  
tância, uma alteração desse estado inicial de perturba-  
ção. Os elementos do meio externo constituem seu objeto  
(Objekt) na medida em que são necessários a essa altera-  
ção, ou seja, a satisfação da necessidade somática. É es  
ta satisfação, i.e., "an appropriate (adequate) altera-  
tion of the internal source of stimulation" (26, p.122),  
que constitui a finalidade (Ziel) de todo instinto. As-  
sim, é a partir da pressão que se exerce, do soma, so-  
bre o aparelho psíquico, que o instinto força, por as-  
sim dizer, a abertura do psiquismo para o mundo externo.  
As demandas orgânicas geram um estado de tensão que não  
pode ser solvido pela descarga (como na função neurôni-  
ca secundária) ou pela re percepção alucinatória do obje-  
to de satisfação (como nos processos primários). Vê-se  
portanto que, para Freud, o real não se impõe priorita-  
riamente como obstáculo à satisfação do instinto, mas  
como elemento indispensável a essa mesma satisfação.  
Com o princípio da realidade é instaurada não apenas  
a subordinação do instinto ao real; é também a subordi-  
nação do real ao instinto e ao desejo (secundarizado)  
que se torna possível.

Em suma, a postulação do princípio da realida-  
de é indispensável para que possamos conceber o aparelho  
psíquico desempenhando sua função precípua: a de sistema  
mediador ou, adotando a terminologia de Lotka (84), a de  
"aparelho de correlação" entre as demandas do organismo e  
as fontes de energia, desigualmente distribuídos no meio  
externo. Ao tornar-se capaz de receber informações pro-  
venientes do próprio organismo, do mundo endopsíquico

e do meio externo, o aparelho psíquico perfaz um trabalho capaz de permitir, ao organismo como um todo, a obtenção da máxima satisfação possível, sem prejuízo da segurança e de acordo com as condições que encontra ou pode promover no meio externo. Assim procedendo, atua como um sistema cibernético, cujas trocas de informação com o meio e o processamento das mesmas garantem a troca material (100, 90, 91).

#### 4.3 - O Princípio da Realidade e os Processos Psíquicos Secundários

Embora só em 1911 (23) o princípio da realidade tenha sido explicitamente enunciado, a idéia de uma superação do princípio do prazer está implícita desde que, já no Projeto (53), Freud estabelece que os processos primários são inibidos por um novo modo de funcionamento mental. Atualizando-se progressivamente na ontogênese, esse novo modo de funcionamento é também o resultado de aquisições filogenéticas que, traduzindo-se em maior complexidade das estruturas nervosas, vieram reforçar as condições de sobrevivência do organismo. A referência ao meio externo como fonte de energias indispensáveis ao equilíbrio somático - devendo, como tal, ser levado em conta pelo psiquismo em sua função de "aparelho de correlação" (84) - está subjacente à idéia desenvolvida na Parte III do Projeto, segundo a qual, sob a pressão da "ameaça de desprazer" (threat of unpleasure), o aparelho psíquico é levado a inibir sua tendência à satisfação alucinatória, substituindo-a por processos aptos a garantir o acesso aos objetos "reais" de satisfação.

Uma vez que o Projeto não fora publicado, é na Interpretação dos Sonhos (17) que Freud introduz formalmente os conceitos de processos psíquicos primários e secundários, denotando duas modalidades "fundamentalmente diversas" de funcionamento mental, inclusive em termos dos processos energéticos (catexe livre e catexe ligada) que estão à sua base. Nesse texto, como no Projeto, fica claro que é a necessidade de abrir lugar à consideração da realidade externa e da necessidade somática que justifica a concepção do aparelho psíquico como estrutura composta por dois estratos ou sistemas, o segundo funcionando de modo a permitir o exame, o conhecimento e ação específica sobre o meio - operações indispensáveis à efetiva redução das demandas que, a partir do soma, se fazem representar no primeiro sistema sob a forma de instintos. O trabalho de 1911 (23) vem apenas, portanto, dar nome a um conceito cujo espaço já fora delimitado. A tarefa de introduzir "the psychological significance of the real external world into the structure of our theories" (23, p. 218) já tivera início em 1895.

Em 1900, após descrever o funcionamento do aparelho psíquico sob a regulação automática das sensações da série prazer-desprazer, e apontar sua deficiência - "such hallucinations, however (...) proved to be inadequate to bring about the cessation of the need or, accordingly, the pleasure attaching to satisfaction" -, Freud escreve: "(...) a second activity - or, as we put it, the activity of a second system - became necessary" (17, p. 598). Essa segunda atividade se caracteriza pela "li-

gação" das catexes e a condução das mesmas por vias que "ultimately, by means of voluntary movement, altered the external world in such a way that it become possible to arrive at a real perception of the object of satisfaction" (17, pp. 598, 599; o grifo é nosso). As demais condições de funcionamento do segundo sistema (antecessor do Ego de 1923) são também estabelecidas levando-se em conta as exigências de uma interação eficaz com o meio externo. Assim, por exemplo, o acesso ao material mnêmico se justifica pela consideração de que a eficácia das ações intencionais, agora possíveis, depende da possibilidade de utilizar os resultados de ações pretéritas; a capacidade de reservar energia em estado ligado, mantendo uma pequena quantidade em deslocamento é também postulada como condição indispensável à ação motora, e ao desgaste energético que ela implica.

Os processos de pensamento desenvolvem-se como atividade intermediária entre a emergência do desejo e o encontro do objeto de satisfação. Essa finalidade só pode ser alcançada se as qualidades de prazer-desprazer perdem o caráter de determinantes compulsórios das vias a serem percorridas pela excitação - "thinking must aim at freeing itself more and more from exclusive regulation by the unpleasure principle and at restricting the development of effect in thought to the minimum required for acting as a signal" (17, p. 593).

É essa independência em relação às sensações da série prazer-desprazer - nunca inteiramente garantida - que possibilita ao processo de pensamento a caracterís



tica da racionalidade. Contrariando o que a psicologia tradicional afirmava tacitamente, isto é, a dependência do pensamento lógico em relação à função da consciência, Freud vai afirmar: "The most complicated achievements of thought are possible without the assistance of consciousness" (17, p. 593).

Até 1912, enquanto se manteve a teoria que explicava a alucinação pela retrogressão da catexe no interior do aparelho psíquico, a "ligação" da catexe (com a conseqüente redução das quantidades em deslocamento e o bloqueio das vias retrogressivas) explicava ao mesmo tempo o abandono da alucinação e as demais características dos processos secundários. A partir das reformulações introduzidas em 1915 (30), o caráter secundário dos processos mentais continua dependendo das condições vigentes no sistema Pcs., enquanto a prova de realidade passa a ser função do subsistema Pcpt-Cs. O processamento secundário das catexes constitui assim, ao lado da prova de realidade (e sem que haja relação de implicação entre ambos), um dos dispositivos com que pode contar o aparelho psíquico maduro e vigil na tarefa de promover uma interação eficaz entre o organismo e o meio, dispositivos que não necessariamente se fazem presentes ao mesmo tempo.

Os processos secundários se desenvolvem, portanto, como exigência da realidade (cuja consideração se impõe como condição da própria sobrevivência do organismo) e implicam uma superação do princípio do prazer. A seguir, veremos até que ponto a possibilidade de acesso

consciente aos processos secundários e a relativa independência que os mesmos podem alcançar em relação ao que é percebido "de fora" podem configurar uma situação que põe em xeque a afirmação simples de que os processos secundários expressam a vigência do princípio da realidade.

## CAPÍTULO 5

### O APARELHO PSÍQUICO E A REALIDADE

Tentaremos agora, utilizando os vários conceitos por nós depurados e inter-relacionados nos capítulos precedentes, traçar um quadro mais amplo e integrado da situação do aparelho psíquico entre os três sistemas que, a partir de fora e em dois tempos (filó e ontogênético) o estruturam e são por ele estruturados.

Até certo ponto, nossa proposta aqui constitui uma tentativa de fundamentar o que propõe Castoriadis-Aulagnier em um breve artigo sobre a realidade na psicanálise: "Il faut alors conclure que le principe de réalité ne se veut définition d'aucun réel objectif: il n'est que l'ensemble des catégories auxquelles de processus secondaire doit se plier afin d'avoir connaissance d'une réalité - du corps, du monde et de la psyché - que la Je rencontre, investit, remodèle, interprète, mais qui n'est pas sa construction autonome" (12, p. 14).

#### 5.1 - Realidade Externa e Pensamento

Vimos no parágrafo 2.3 que, para Freud, os processos de pensamento se desenvolvem com uma finalidade eminentemente prática: o encontro, no mundo exterior, das condições indispensáveis à satisfação das necessidades somáticas. O pensamento prático, voltado para a apreensão e o domínio do real é a matriz das demais formas de pensamento: "Practical thought, the origin of all thought-process, remains, too, their final aim. All other kinds branched off from it" (53, p. 383).

O pensamento prático tem sua origem em um estado de expectativa - os eventos do mundo exterior são examinados em termos de sua adequação à satisfação de uma necessidade atual; para tanto, a catexe de desejo é firmamente mantida, enquanto as catexes perceptuais que se apresentam são acompanhadas com atenção. Uma vez estabelecida a identidade entre o desejado e o percebido, a atividade de pensamento deixa de ser necessária do ponto de vista biológico. Mas ela é capaz de prosseguir, independentemente das pressões endógenas ou das condições imediatamente presentes no meio: "(...) the whole process of thought is able to make itself independent of the expectational process and of reality". Nesse caso, "it starts from a mere idea and, even after it is completed, does not lead to action, but it has produced a piece of practical knowledge, which can be used for a subsequent real occurrence" (53, p. 378; o grifo é do autor).

Pela relativa independência alcançada em relação às pressões de origem interna (somática) e externa, outras formas de pensamento se desenvolvem, visando cada vez menos a preparação de uma ação específica a ser imediatamente executada. Trata-se de apreender as condições gerais vigentes no meio, de tal modo que, em futuros estados de urgência, não se faça necessário empreender a atividade exploratória. O aparelho psíquico torna-se, assim, capaz de armazenar informações, a serem utilizadas no momento adequado, o que confere maior prontidão à ação.

Desenvolve-se o pensamento cognitivo ou teórico no qual, mesmo na ausência da tensão de necessi-

dade, interessa conhecer os objetos que se oferecem à percepção. Cresce em importância a busca de comparações, a procura de relações constantes, de invariâncias. Posteriormente, o próprio processo de associação mnêmica torna-se objeto do pensamento que será, nesse caso, crítico ou reflexivo. Isto implica, evidentemente, que os processos de pensamento se tornem perceptíveis, i.e., alcancem a consciência. A compreensão deste passo, cujas conseqüências são de grande interesse, exige a análise do mecanismo da atenção.

#### 5.1.1 - A Atenção

Ao comentar a relativa insusceptibilidade do psiquismo em relação às estimulações externas verificável no estado de sono, Freud observa, na Parte I do Projeto, que a percepção não depende exclusivamente da incidência de estímulos sobre os órgãos sensoriais. Postula então que o aparelho psíquico dispõe de uma energia constante, embora móvel, que durante a vigília é dirigida aos neurônios excitados a partir do mundo externo (através de Phi). É da aplicação dessa catexe suplementar (hipercatexe) que depende a efetiva percepção - apreensão consciente de estímulos externos e, como veremos a seguir, também dos processos endopsíquicos. Na Parte III do mesmo texto, o mecanismo da atenção é apresentado como uma regra biológica, cuja aplicação é normada pelas indicações de qualidade fornecidas por Ômega: "If an indication of reality appears, then the perceptual cathexis which is simultaneously present is to be hypercathected" (53, p. 371).

Em virtude dessa dependência em relação às indicações de qualidade, a atenção se dirige exclusivamente, de início, ao que é percebido a partir do exterior. A reativação de engramas mnêmicos e o estabelecimento de conexões entre eles, por não excitarem Ômega, não atrairiam a atenção, processando-se, assim, à margem da consciência.

Para que possam atrair a consciência os processos de pensamento devem adquirir qualidades próprias (além daquelas da série prazer-desprazer), o que depende, segundo Freud (53, 17, 23, 33, 44, 45), da associação entre os resíduos mnêmicos relativos a objetos do mundo exterior e os engramas de suas representações verbais. Nas palavras de Freud, o "enlace verbal" consiste "(...) in the linking of psineurons with neurones which serve sound-presentations and themselves have the closest association with motor-speech-images" (53, p. 365). Ao serem elevados, através das associações verbais, ao nível de processos perceptíveis, os pensamentos tornam-se também passíveis de memória e evocação.

A aquisição da linguagem marca, portanto, a abertura de um novo campo fenomênico, de um outro campo passível de conhecimento, memória e exame, constituindo o que Freud, no Projeto, considera uma realidade a ser diferenciada da realidade externa: "Indications of discharge through speech are also, in a certain sense, indications of reality - but of thought-reality, not of external reality (53, p. 373, o grifo é nosso). Veremos adiante que esta "realidade de pensamento", própria do

sistema Preconsciente, não se confunde com a "realidade psíquica" que, mais tarde, Freud atribuirá ao Inconsciente (17, 28, 29, 44).

## 5.2 - As Três Séries de Qualidades

A Consciência, que apreendia as qualidades sensoriais dos objetos do mundo externo e as qualidades de prazer-desprazer dos processos endopsíquicos, torna-se, através da linguagem, capaz de apreender também os processos de pensamento em suas qualidades próprias. Estes, que haviam surgido com caráter basicamente instrumental, convertem-se agora em objeto de conhecimento.

As "qualidades de pensamento" (a expressão é nossa) vão constituir o terceiro termo das séries ou ordens de qualidades que Freud distinguiu: (1) as de prazer-desprazer; (2) as qualidades sensoriais e (3) as qualidades de pensamento.

Propomo-nos, a seguir, a referir cada uma dessas séries a uma estrutura particular, da qual elas seriam função: (1) o mundo neuro-somático ou endógeno, (2) o mundo exterior e (3) a língua.

### 5.2.1 - As Qualidades de Prazer-Desprazer e a Estrutura do Mundo Endógeno

Freud concebeu o aparelho psíquico de tal modo que, nele, pudessem ser representados não apenas os objetos do mundo exterior, mas também as oscilações tensio-

nais e as descargas viscerais do mundo endógeno. Nessas oscilações, inclusive, é que têm sua fonte (Quelle) os impulsos de desejo que atuam no aparelho psíquico. Assim fazendo garantiu, nas palavras de Barros, o estabelecimento de "seqüências causais, legaliformes, entre as quantidades de energia do soma, do sistema nervoso e do aparelho psíquico (8, p. 45; o grifo é nosso).

A percepção das oscilações tensionais do mundo endógeno (Empfindung) seria, na formulação do Projeto (53), função de Ômega, isto é, do reflexo, em Ômega, das oscilações de intensidade catética no sistema Psi-nuclear (sendo este, por sua vez, aferentemente ligado ao mundo endógeno). Assim, os processos quantitativos em curso no sistema Psi-nuclear - elevação e rebaixamento do nível de intensidade catética, concomitantes, respectivamente, a estados de desequilíbrio (tensão de necessidade), ou de equilíbrio (satisfação da necessidade) somático - se refletem, em Ômega, como qualidades de prazer e desprazer.

Mais tarde, como vimos no capítulo 3, as qualidades de prazer-desprazer serão também consideradas concomitantes de processos em curso no próprio aparelho psíquico, e não mais apenas no sistema neurônico Psi-nuclear. Assim, na Interpretação dos Sonhos (17) e em vários trabalhos subsequentes (23, 31, 45) o desprazer será um concomitante da tensão do desejo e da tensão da repulsa e o prazer corresponderá à satisfação do desejo e à defesa primária. Aparentemente, nessa formulação, prazer e desprazer dizem respeito à relação do apare-



lho psíquico com engramas de objetos percebidos no mundo externo, sem vinculação com as oscilações tensionais do mundo endógeno. Mas o objeto de desejo converte-se em fonte de prazer (mesmo quando apenas re-percebido alucinatoriamente) por ter sido a sua percepção real associada ao processo somático de satisfação de necessidade, na experiência de satisfação. Aliás, exatamente nesse sentido, Laplanche e Pontalis observam: "L'expérience de satisfaction - réelle et hallucinatoire - est la notion fondamentale de la problématique freudienne de la satisfaction: en elle viennent s'articuler l'apaisement du besoin et l'accomplissement du désir" (78, p. 151). Do mesmo modo, o objeto hostil converte-se em fonte de desprazer, mesmo quando apenas evocado, por ter sido, na experiência de dor, associado à elevação do nível catético em Psi-nuclear pelas vias nociceptivas.

Prazer e desprazer dirão respeito, portanto: ou ao reflexo, sobre Ômega, das oscilações do nível de tensão somática (em Psi-nuclear); ou às relações com os engramas dos objetos prazerosos e hostis do mundo externo, que despertam as forças de desejo e repulsa em Psi-pallium por terem ficado associados às repercussões que tiveram, sobre o mundo endógeno, as experiências de satisfação e de dor.

#### 5.2.2 - As Qualidades Sensoriais e a Estrutura do Mundo Exógeno

A capacidade de perceber estímulos exógenos está implícita nas formulações relativas às experiências de satisfação e de dor, assim como na capacidade de proce-

der aos processos psíquicos primários. Mas enquanto o psiquismo funciona livre das inibições impostas pelo ego, os objetos são apreendidos principalmente em termos de suas repercussões sobre os níveis tensionais do aparelho. Desse modo, inicialmente, as qualidades de prazer e desprazer predominam, na Cs., sobre as qualidades sensoriais (31).

A importância das percepções externas cresce à medida que, inibidos os processos primários, as forças de desejo e repulsa têm sua intensidade moderada, deixando de ser os determinantes exclusivos dos processos mentais.

No trabalho sobre Os Dois Princípios do Sucesso Psíquico, a valorização das qualidades sensoriais dos objetos do mundo externo é apontada como uma das consequências da superação do princípio do prazer pelo princípio da realidade: "The increased significance of external reality heightened, the importance, too, of the sense organs that are directed towards the external world, and to consciousness attached to them. Consciousness now learned to comprehend sensory qualities in addition to the qualities of pleasure and unpleasure which hitherto had been of interest to it" (23, p. 220).

Como vimos ao tratar do desenvolvimento das várias formas de pensamento, à apreensão das condições singulares imediatamente presentes no meio segue-se uma atividade que visa captar as invariâncias, as relações que se repetem, as regras a que obedecem os eventos na sua

sucessão. O mundo externo passa, assim, a ser apreendido em termos de legalidade e causalidade (98), i.e., das leis que o estruturam enquanto sistema.

### 5.2.3 - As Qualidades de Pensamento e a Estrutura da Língua

Até aqui descrevemos a Consciência - "a sense organ for the apprehension of psychical qualities" (17, p. 574) - enquanto capaz de receber, nas palavras de Freud, "excitations from the periphery of the whole apparatus, the perceptual system" e "excitations of pleasure and unpleasure, which prove to be almost the only psychical quality attaching to transpositions of energy in the inside of the apparatus" (17, p. 574). Mas as exigências da adaptação ao meio externo não ficam garantidas pela apreensão consciente dos estímulos exógenos. Vimos que o conhecimento, e a possibilidade de prever, implicam o estabelecimento de relações, a captação de invariâncias e regras gerais. Para tanto, os engramas mnêmicos devem ser associados, segundo modos de crescente complexidade. Tais processos (juízos, raciocínios), devem estar, na medida do possível, isentos da interferência das qualidades de prazer e desprazer: importa agora representar o real, não o agradável (23), ou, na expressão de Freud em 1900: "thinking must concern itself with the connecting paths between ideas, without being led astray by the intensities of those ideas" (17, p. 602, o grifo é do autor).

A garantia do predomínio dos critérios racionais sobre as forças desejosas e repulsivas é fornecida,

segundo Freud, pela aplicação, aos processos de pensamento, da hipercatexa da consciência - o que depende do enlace verbal, que confere aos processos do Preconsciente qualidades capazes de suscitar a atenção (53, 17, 28, 33, 44).

Por que teria a linguagem o poder de elevar à categoria de processos perceptíveis os pensamentos em curso no sistema Preconsciente? A pergunta adquire especial relevo quando observamos que, em algumas passagens (17, p. 574, e 28) Freud faz depender desse enlace a própria constituição do sistema Preconsciente e dos processos secundários que nele se desenrolam: "The system Ucs. contains the thing-cathexes of the objects, the first and true object cathexes; the system Pcs. comes about by this thing-presentation being hypercathected through being linked with the word-presentations corresponding to it. It is these hypercathexes, we may suppose, that bring about a higher psychical organization and make it possible for the primary process to be succeeded by the secondary process which is dominant in the Pcs." (28, pp. 201, 202, o grifo é nosso).

Para tentar responder à pergunta que formulamos no parágrafo anterior, iremos um pouco além do ponto em que Freud deixou a questão. Constatamos, anteriormente que as qualidades de prazer e desprazer dizem respeito, em primeira instância, à percepção das oscilações tensionais do mundo somático. Por outro lado, as qualidades sensoriais são expressão de relações (diferenças, similitudes, contigüidades etc.) apreendidas no mundo externo. Temos portanto duas estruturas, mundos endógeno

e exógeno, fazendo-se representar qualitativamente no aparelho psíquico e, mais que isso, fazendo-se assimilar por ele. A terceira série de qualidades - as qualidades de pensamento - será função de uma outra estrutura ou sistema com a qual o aparelho psíquico entra em contato: a língua.

Distinguindo-a da fala (parole) - "acte individuel de volonté et d'intelligence" -, Saussure define a língua (langue) como "la partie sociale du langage, extérieur à l'individu, qui à lui seul ne peut ni la créer ni la modifier" (96, pp. 30, 31). Embora estreitamente vinculada à fala, da qual é a um tempo instrumento e produto, a língua que é um sistema de signos que exprimem idéias (96), caracterizado por uma ordem própria. Ela preexiste, como estrutura, ao acesso progressivo que a ela tem cada indivíduo, no curso de seu desenvolvimento mental. Suas regras devem ser aprendidas, gradativamente.

Há outros aspectos da língua, também ressaltados por Saussure, para os quais gostaríamos de chamar atenção. Numa concepção ingênua, a língua se reduz a uma nomenclatura - uma lista de "nomes" relacionados a coisas. Essa visão deve ser corrigida sob dois aspectos. Em primeiro lugar, os elementos de uma língua, os signos, não unem "coisas" a "nomes", mas conceitos (significados) a imagens acústicas (significantes). Este aspecto foi, aliás, claramente percebido por Freud, que vê no "enlace verbal" a expressão da vinculação entre um engrama psíquico referente à coisa (e não a própria coisa) e o engrama de sua representação ou imagem sonora (e não o

som, como entidade física). Nesse sentido em Freud mesmo, o signo lingüístico articula entidades psíquicas. Em segundo lugar, a língua não se reduz a um somatório de signos, possuindo, cada um, valor absoluto. O valor de um signo depende não apenas da relação conceito-imagem acústica que expressa, mas do modo como se articula a outros signos. Diferenças na ordem dos conceitos se expressam por diferenças fônicas que assumem, umas e outras, um valor próprio em função desse vínculo. Segundo Saussure, "(...) dans la langue il n'y a que de différences", de tal modo que, "(...) qu'on prenne le signifié ou le signifiant, la langue ne comporte ni des idées ni des sons qui preexisteraient au système linguistique, mais seulement des différences conceptuelles e des différences phoniques issues de ce système" (96, p. 166).

É, portanto, através de sua vinculação com "diferenças sonoras" que "diferenças de pensamento" se estabelecem, tornam-se sensíveis, expressáveis e articuláveis: "(...) cette mise en regard d'un certain nombre de signes acoustiques avec autant de découpures faites dans la masse de la pensée engendre un système de valeurs" (96, p. 166).

Em Freud, por sua vez o enlace verbal, vinculando conceitos a imagens sonoras, permitirá não apenas a representação dos objetos do mundo externo, mas ainda das operações a que as impressões recebidas, tanto do mundo endógeno quanto do exterior, são submetidas no sistema Preconsciente. Nesse sentido, ele observa, em O Inconsciente: "(...) by being linked with words, cathexes

can be provided with qualities even when they represent only relations between presentations of objects and are thus unable to derive any quality from perceptions" (28, p. 202). Tais relações, que somente a palavra pode representar, constituem, como observa Freud no mesmo texto, a maior parte de nossos processos de pensamento. Usando a terminologia cibernética que Watzlawick, Beavin e Don Jackson sugerem (99), podemos dizer que no Incs., onde estão presentes apenas as representações-de-coisas, teríamos uma linguagem analógica, na qual os elementos expressivos das relações lógicas não têm representação. De fato, sabemos que nos processos primários não há lugar para elementos como "se...então", "ou...ou", estando ausente, inclusive, a simples negativa (18, 28, 38). A língua, como sistema de signos discretos e convencionais (88, 96), permitirá que os elementos se articulem com maior complexidade e versatilidade, e que tais articulações sejam exprimíveis.

A hipótese de Freud acerca do papel da língua na estruturação de um sistema psíquico superior (17, 28), (cujos processos, portanto, ela não apenas expressa mas constitui) assemelha-se pois à posição de Saussure, para quem "Le rôle caractéristique de la langue vis-à-vis la pensée n'est pas de créer un moyen phonique pour l'expression des idées, mais de servir d'intermédiaire entre la pensée et le son, dans des conditions telles que leur union aboutit nécessairement à des delimitations réciproques d'unités" (96, p. 156; o grifo é nosso). Um e outro nos permitem deduzir que as palavras não apenas tornam comunicáveis os processos de pensamento: elas, por

assim dizer, os tornam pensáveis (Cf., nesse sentido, o artigo de Lévi-Strauss sobre "A Eficácia Simbólica" (80)).

Para Freud a língua exerce, em relação ao aparelho psíquico, um papel estruturante, permitindo que o sistema Pcs. seja a sede de processos que não são o mero correlato de algo que existiria previamente no Incs. ou do que é percebido a partir do exterior (28).

### 5.3 - A Constituição de uma "Realidade de Pensamento"

Vimos que a linguagem, abrindo aos processos psíquicos a possibilidade de virem a ser objeto da consciência, funciona também como sistema articulador. A consciência, embora perca na teoria freudiana o privilégio que lhe era tradicionalmente atribuído, não se reduz aí a um mero registro de processos acabados. Através da linguagem, os processos de pensamento passam também a poder ser dirigidos por vias conscientemente determinadas - possibilidade que marcaria, para Freud, a superioridade do homem sobre o animal (17, 44).

Em alguns trabalhos de Freud encontramos indícios que nos parecem indicar a possibilidade de estabelecer algumas diferenciações no âmbito dos processos secundários, e isto pelo menos segundo dois critérios (53, 17, 28).

O primeiro seria o de proximidade em relação à Cs.: quanto mais afastada dela, mais suscetíveis à interferência das qualidades de prazer-desprazer, a atração



pelas catexes de desejo do Incs. e à repressão seriam as cadeias associativas. Em outras palavras, do grau de proximidade da Cs. dependeria o nível de "secundariedade" dos processos pre-conscientes. Sob este primeiro aspecto, o que está em questão é o rigor lógico dos processos, e não seu acordo com os dados da realidade. Como observa Malan (86), um paranóico, em seu delírio, pode nos oferecer o exemplo de um pensamento rigorosamente "secundário", ainda que inteiramente destituído de prova de realidade.

O segundo critério seria o que podemos chamar o grau de "objetividade" do pensamento, entendendo por isso o nível em que faz presente o confronto entre o representado e o percebido (prova de realidade). Sob este prisma, teríamos, de um lado, o pensamento prático, voltado para a apreensão e a alteração das condições imediatamente presentes no meio, pensamento que estaria sujeito a freqüentes validações empíricas. No pólo oposto, teríamos o pensamento de tipo reflexivo, que pode distanciar-se dos dados do mundo externo, estabelecendo, inclusive, conexões não passíveis de verificação empírica.

Menos submetidos à "prova de realidade", os pensamentos podem apresentar diversos graus de segurança ou rigor (i.e., ser mais ou menos secundarizados). Quanto a essa característica, poderíamos situar, num extremo, a atividade de um matemático e, no outro, o produto de um devaneio. Sua "correção" independe do confronto com os dados de percepção, sendo uma função do rigor formal com que as associações são estabelecidas. Em outras palavras, são as leis do processo secundário que desempe-

nham, aqui, o papel de parâmetro que, no pensamento prático, cabe à realidade diretamente apreendida. E não seriam as leis do processo secundário as próprias leis da linguagem?

Nesse sentido, o neuro-psicólogo Luria, num artigo sobre as teses de Vygotski acerca das "Funções Psíquicas Superiores" (85), fornece-nos um subsídio interessante. De fato, suas idéias parecem vir exatamente ao encontro do que gostaríamos de sugerir aqui: a língua desempenha, nas formas mais desenvolvidas de pensamento, o papel de instrumento regulador. Vale a pena citar o que Luria aponta como as idéias centrais de teorias que vêm constituindo, segundo ele, "o centro da Psicologia soviética". Tais idéias seriam o resultado não apenas dos estudos de Vygotski, mas de uma série de investigações desenvolvidas por Léontiev, Zarapoietz, Galperine, Elkonine e o próprio Luria: "Um sistema de signos exteriores, substituindo as formas diretas de adaptação ao mundo externo por novas formas mediatizadas da atividade adquiriu (...) uma importância particular e foi objeto de pesquisas especiais: a linguagem, sistema que se constituiu no decorrer de um processo milenar de desenvolvimento histórico (...). A linguagem permite abstrair os signos essenciais, generalizá-los, estabelecer uma relação categorial com a realidade e definir praticamente todos os aspectos da atividade consciente". E, sobre a influência da linguagem nos processos de conhecimento e atuação sobre o meio externo, acrescenta Luria: "Sob a influência da linguagem, base do 'segundo sistema de sinalização da realidade', a percepção muda de modo radical,

novos aspectos da memória aparecem, novas formas de pensamento se criam, assegurando os sistemas mais complexos de ação em retorno. A linguagem, exterior no começo, interior em seguida, torna-se uma das bases principais da regulação do comportamento (85, p. 81; o grifo é nosso).

Capazes de apreender relações, de aplicar a novos dados inferências estabelecidas a partir de eventos pretéritos e mesmo de prefigurar seqüências factuais, atingimos aquele estágio no qual, na expressão de Freud, "we think ahead" (53, p. 383). Mais ainda, diríamos nós, pensamos "além", no sentido de que ultrapassamos o dado e construímos conhecimento (77, 93, 94, 98, 4). O desenvolvimento do pensamento se caracteriza, de fato, por uma crescente independência em relação ao "dado", ao diretamente percebido. Na teoria piagetiana do desenvolvimento cognitivo, a criança, a partir do estágio sensório-motor, se desenvolve até o período em que, dominando o conjunto das operações formais, pode pensar hipoteticamente, sem recorrer à experiência (93, 94). De modo análogo, Bachelard descreve uma seqüência de "estados" pelos quais passaria um "espírito científico" no seu processo individual de formação (4, p. 8).

Mas a idéia de que o desenvolvimento do pensamento implica uma crescente superação do "dado sensorial" está presente no próprio Freud: o desenvolvimento da linguagem, teria, segundo ele, aberto um novo domínio "(...) in which ideas, memories and inferences became decisive in contrast to lower psychical activities, which had direct perceptions by the sense organs as its contents.

This was unquestionably one of the most important stages in the path to hominization" (44, p. 113).

É evidente que ainda que alcance, como defendemos, uma maior independência em relação aos dados do mundo externo, o pensamento jamais será "autônomo". Se toda percepção implica alguma construção, na medida em os estímulos são apreendidos e processados por um sistema dotado de estrutura própria (4, 77, 93, 94, 98), a mais elevada abstração estará de algum modo vinculada a estruturas apreendidas na relação com o mundo físico.

Sabemos estar tocando aqui, de perto, nada menos que a problemática axial da epistemologia: a das condições de constituição do conhecimento (92), cuja abordagem certamente ultrapassa nossas condições e pretensões. Mas não podemos evitá-la mais do que o próprio Freud o fez. Em outras palavras, se não pretendemos criticar aqui a posição de Freud ante o problema do conhecimento, parece-nos indispensável tentar explicitá-la. Nesse sentido, dois pontos devem ser destacados:

(1) Freud adota explicitamente uma posição Kantiana, refutando a idéia de que, através dos órgãos sensoriais, tenhamos acesso à "realidade mesma" (17, 28).

(2) Ao lado dessa recusa de um realismo ingênuo, defende a possibilidade do conhecimento. No parágrafo final de O Futuro de Uma Ilusão (41), refuta a idéia de que, por ser o conhecimento uma função de nossa própria organização mental, o acesso ao real seria impossível, com os seguintes argumentos básicos: (a) O aparelho psíquico desenvol

veu-se precisamente através de seu esforço por descobrir o mundo exterior, de tal modo que sua estrutura deve ter adquirido, no decorrer desse processo, certa adequação a esse fim. (b) Nosso aparelho psíquico é, ele mesmo, um elemento da realidade que se trata de investigar. (c) Os resultados finais da ciência não são condicionados apenas pela nossa organização, mas também pela atuação que, sobre ela, tem o mundo externo.

#### 5.3.1 - O Devaneio

Segundo Freud, mesmo estando basicamente sob o domínio do princípio da realidade, o Prec. é também sede de processos de pensamento pouco comprometidos com a lógica ou com a realidade imediata. "With the introduction of the reality principle, one species of thought-activity was split off; it was kept free from reality-testing and remained subordinated to the pleasure principle alone. This activity is phantasying, which begins already in children's play, and, later, continued as day-dreaming, abandons dependence on real objects" (23, p. 222).

Veremos adiante que mesmo os mais inocentes devaneios, na medida em que abandonam o compromisso com a realidade externa, passam a constituir a expressão de uma outra realidade, a realidade psíquica que, a partir do Incs., os articula. Podemos aplicar ao devaneio o que Freud afirma acerca das associações livres que o paciente, no processo analítico, estabelece a partir de um sonho: nossos pensamentos, se não estão intencional e conscientemente orientados, estarão "inconscientemente" de-

terminados. Ou, nas palavras de Freud: "It can be shown that all we can ever get rid of are purposive ideas that are known to us; as soon as we have done this, unknown (...) purposive ideas take charge and thereafter determine the course of the involuntary ideas" (17, p. 528). Em nota acrescentada em 1914, cita Eduard von Hartmann, que fizera observações análogas em relação a outros terrenos, como "the association of ideas in abstract thinking as well as in sensuous imagining and artistic combination" (citado in 17, p. 528).

Aplicando aqui o critério de graus de proximidade em relação à Cs. de que falamos à p. 95, poderíamos dizer que as fantasias ou devaneios são tanto mais suscetíveis de "primarização" quanto menor é o acesso que lhes é dado ao sistema Cs. Nesse sentido, Freud sugere, na XXIII Conferência Introdutória (29) que são as fantasias inconscientes que se tornam suscetíveis de engendrar sonhos noturnos e sintomas neuróticos.

As fantasias podem, portanto, escapar à Cs., tomando um destino que foge às nossas intenções ou propósitos. Assim, precisamente quando abordamos a área em que a atividade de pensamento parece exercer-se em maior liberdade, esbarramos com o fato de que os pensamentos não são "senhores de si mesmos" e a Cs. não esgota o campo do Preconsciente.

### 5.3.2 - Os Limites da "Realidade de Pensamento"

As observações feitas acerca da fantasia nos a aproximaram da pedra angular da teoria freudiana: a "rea-

lidade de pensamento" (entendendo por isso aquela que, através do enlace verbal, é conscientemente percebida) não esgota nem reflete fielmente a "realidade psíquica".

Em O Inconsciente (28), Freud transpõe, para a relação entre a Cs. e o mundo endopsíquico, a mesma restrição que Kant fizera acerca das relações entre a Cs. e o mundo externo: "Like the physical, the psychical is not necessarily what it appears to us to be" (28, p.171). Assim como as percepções não constituem um reflexo especular dos fenômenos físicos, tampouco os processos psíquicos encontram na Cs. imagem fiel ou completa.

Ainda que somente cognoscíveis através de seus efeitos sobre a Cs., os processos psíquicos são em si mesmos inconscientes e, observa Freud, "(...) The conscious effect is only a remote psychical result of the unconscious process (...) and the latter was present and operative even without betraying its existence in any way to consciousness" (17, p. 612). E o paralelo feito em 1915 (28) entre os limites do conhecimento da realidade externa e da realidade endopsíquica já estava também presente na Interpretação dos Sonhos: "The unconscious is the true psychical reality; in its innermost nature, it is as much unknown to us as the reality of the external world, and it is as much incompletely presented by the data of consciousness as is the external world by the communications of our sense-organs" (17 p. 613).

#### 5.4 - A Realidade Psíquica

Que a consciência não é co-extensa ao psíquico e não nos fornece a totalidade dos determinantes de

nossas condutas, isto Freud já entrevira desde os primeiros anos de seu trabalho teórico. Em sua Autobiografia (39), revela que os contatos mantidos, em 1889, com Bernhein - cujas experiências com hipnose testemunhou - influenciaram-no fortemente no sentido de admitir a existência de processos anímicos que, a despeito de sua intensidade e poder, permaneciam fora do campo da consciência.

Em 1892, ele defende, com Breuer, a existência de resíduos mnêmicos inconscientes - relativos a experiências traumáticas - resíduos que, destituídos de vínculos associativos com os demais conteúdos de pensamento, constituíram uma "segunda consciência" (47). No Projeto, como já tivemos ocasião de apontar, a existência de processos psíquicos inconscientes já não é vista apenas como circunstância especial, característica de quadros patológicos (53). No Manuscrito N, de 1897 (61), surge mesmo o emprego das abreviações Cs. (Bw.) e Incs. (Ubw.), aplicadas a uma utilização sistemática (24) dos termos Consciência e Inconsciente.

Na Interpretação dos Sonhos, finalmente, apresenta-se, plenamente amadurecida, a idéia de que a dissociação, no interior do aparelho, de dois sistemas psíquicos é uma característica básica de sua estrutura (17).

#### 5.4.1 - "Sedução" - Memória ou Fantasia?

À medida em que desenvolvia suas concepções acerca da existência de processos psíquicos desvinculados da consciência, Freud preocupou-se também em inves-



tigar a natureza dos pensamentos que encontravam barrado o seu acesso à Cs. e os mecanismos que garantiam tal exclusão (i.e., os mecanismos de defesa). Mas o que nos interessa aqui são as vias (e desvios) percorridos por Freud, a partir da idéia de que as psiconeuroses têm à sua base um episódio traumático, até a conclusão de que um produto imaginário pode ter o mesmo valor patogênico que uma experiência efetivamente realizada.

Em sua autobiografia, Freud relata que a importância dos distúrbios da ordem sexual na etiologia dos quadros histéricos lhe fora sugerida, desde cedo, por Charcot, Chrobak, e pelo próprio Breuer (39). Mas o papel desempenhado por cenas de sedução a que o sujeito teria sido submetido na infância impôs-se-lhe à medida que, no seu trabalho clínico, entrou em contato com um número crescente de casos em que tais episódios se repetiam. Nesse sentido, observam Laplanche e Pontalis: "Avant d'être une theorie (...) la seduction est une découverte clinique" (78, p. 436). Essa descoberta desempenha um papel de crescente importância nas tentativas que empreende Freud de estabelecer uma teoria das neuroses, e principalmente na explicação do mecanismo de repressão, entre os anos 1895 e 1897.

Em outubro de 1895, na Carta 29, revela a Fliess a suspeita que, nos dois anos subsequentes, notaria o desenvolvimento de suas idéias: "Asombrate si quieres, pero entre otras cosas sospecho lo siguiente: que la histeria está condicionada por una experiencia sexual primaria (anterior a la puberdade) acompañada por repulsion y susto, mientras que la neurosis obsesiva esta-

ria condicionada por la misma experiencia, pero vivida con placer" (51). O Manuscrito K (54) atesta os esforços realizados por Freud no sentido de obter uma compreensão mais apurada do papel da sedução, mas seria impossível acompanhar aqui tais desdobramentos - por exemplo, a crescente importância atribuída ao papel da situação de conflito e aos mecanismos de defesa, em detrimento da noção de afeto estrangulado sustentada por Breuer (Cf. 8, p. 56).

O que nos importa é observar que a sedução, como realidade factual (ou "material") conservava ainda para Freud seu valor de "dato clínico", mesmo quando, no início de 1897, começou a vislumbrar o lugar dos impulsos (59). No Manuscrito N, vemos a prefiguração do próprio Complexo de Édipo: "Hostile impulses against parents, (a wish that they should die) are also an integral constituent of neuroses" (61, p. 254).

Mas, na famosa carta 69, Freud confessa a Fliess encontra-se numa situação de impasse, em que via ameaçada toda a sua teoria da neuroses (63). É interessante observar que, em relatos anteriores (Manuscritos M e N, cartas 61 e 66), ele mostrara já estar de posse dos principais caminhos que o levariam à solução do problema; mas, de qualquer modo, a descoberta de que os episódios de sedução nem sempre haviam ocorrido parece deixá-lo perplexo: "I no longer believe in my neurotica (theory of the neuroses)" (63, p. 259).

Em dois relatos posteriores (25, 39) Freud descreve essa descoberta como ocasião de profundo desalen-

to, que o levara mesmo a pensar em, seguindo os passos de Breuer, abandonar seu trabalho. Mas, paradoxalmente, um parágrafo da mesma Carta 69 sugere sentimentos bem diversos: "It is remarkable, too, that there has been an absence of any feeling of shame (...) Certainly I shall not tell it in Dan or speak of it in Askelon, in the land of the Philistines. But in your eyes and my own I have more of the feeling of a victory than of a defeat" (63, p. 260). E Jones comenta: "Bien podia sentirse exaltado, ya que con la nueva visión alcanzada estaba a punto de iniciar la exploración de todo el amplio campo de la sexualidad infantil e de dar cima a su teoria de la psicología del sueño, sus dos hazañas más grandes" (74, vol. I, p. 279).

A nosso ver, a consequência fundamental da reviravolta a que a descoberta de 1897 o obrigou foi, para Freud, a de conceber o Inconsciente como estrutura dotada de uma realidade própria, na qual não apenas conteúdos de experiências ontogenéticas têm representação: a realidade psíquica, "a particular form of existence, not to be confused with material reality" (17, p. 620).

#### 5.4.2 - Fantasia Originárias e Realidade Psíquica

Vimos que Freud foi levado a ver que os episódios relatados por seus pacientes, episódios que aparentemente ocupavam importante lugar na patogenia de seus distúrbios, eram, muitas vezes, destituídos de qualquer relação com experiências vividas efetivamente. Não eram memórias, eram fantasias (e a estas, portanto, deveria ser atribuído um papel patógeno).

Mas é importante observar que a vinculação estabelecida por Freud entre as fantasias e a realidade psíquica não implica simplesmente serem elas fruto da atividade subjetiva ou mesmo a expressão de um emascaramento de pulsões inconscientes. Sabemos que o conceito de "realidade psíquica" não se confunde com o de "realidade de pensamento". Mais ainda, ele não pode ser considerado, na utilização que dele faz Freud, um equivalente das noções de "mundo interno", "campo da subjetividade" ou campo psicológico. A especificidade do conceito de realidade psíquica fica bem explícita na definição fornecida por Laplanche e Pontalis: o termo é utilizado por Freud "pour designer ce qui, dans le psychisme du sujet, présente une cohérence et une résistance comparables à celles de la réalité matérielle; il s'agit fondamentalement du désir inconscient et des fantasmes connexes (78, p. 391, o grifo é nosso).

As fantasias não são apenas uma deformação de eventos reais ou, por outro lado, a realização de desejos inconscientes. O Inconsciente, a realidade psíquica é mais que a sede das pulsões instintivas - ele abriga esquemas e conteúdos que, hereditariamente transmitidos, estruturam a vida fantasmática.

Chegamos assim à idéia das fantasias originárias (Urphantasiën): seriam fantasias ligadas à vida intra-uterina, à cena primária, à castração e à sedução que, comuns a todos os seres humanos, constituiriam um "patrimônio filogenético" (29). Como observam Laplanche e Pontalis, a noção de fantasias originárias adquire interesse central na psicanálise na medida em que revelam,

como fator estruturante da vida psíquica, a existência de uma "fantasmática": "Celle-ci n'est pas à concevoir seulement comme une thématique, fût-elle marquée pour chaque sujet de traits éminemment singuliers; elle comporte son dynamique propre, les structures fantasmatiques cherchant à s'exprimer, à trouver une issue vers la conscience et l'action, et attirant constamment à elles un nouveau matériel" (78, p. 155).

Essa concepção, que nos faz ver o Inconsciente (ou o Id), não como "a chaos, a cauldron full of something excitations" (43), mas como uma estrutura, dotada de ordem própria e de um poder estruturante, é fundamental para nós: ela nos faz ver que o Inconsciente que se atualiza na ontogênese, e para o qual são tão importantes as experiências originárias de satisfação e de dor, foi também estruturado, historicamente, a partir de outras realidades externas, de outras experiências. Esta estrutura historicamente constituída, está portanto longe de ser uma "tabula rasa".

## CONCLUSÕES

Como conclusão faremos uma breve síntese das idéias que ocupam, nos diversos capítulos que constituem o presente trabalho, lugar de maior relevo.

Caracterizamos a Metapsicologia como um sub-sistema da Teoria Psicanalítica, e demonstramos que só na referência ao modelo do aparelho psíquico (que constitui o objeto da Metapsicologia) podem as proposições psicanalíticas alcançar o valor de explicações.

Procuramos salientar a importância das concepções referentes às experiências de satisfação e de dor para a compreensão dos processos psíquicos primários e secundários e na própria constituição do Inconsciente como primeiro sistema psíquico. Chamamos a atenção para o fato de que é na relação com os objetos do mundo externo que as forças que caracterizam a dinâmica do Inconsciente se atualizam. Em relação ao conceito de catexe, tentamos depurá-lo de uma série de mal-entendidos que sobre ele se acumulam, procurando destacar, em especial: (a) que o conceito de catexe ligada não equivale, ao contrário do que pretendia Freud, ao de excitação tônica de Breuer; (b) que, ao contrário do que afirma Holt, os conceitos de catexes e de excitação tônica não coincidem; (c) que a correta concepção dos problemas referentes à energia psíquica depende da clareza obtida em relação aos conceitos de energia neurônica em estado de fluxo e catexe.

No terceiro capítulo discutimos o conceito de princípio do prazer, procurando tornar explícita a ambiguidade com que Freud o utilizou. Propusemos que o termo princípio do prazer fique reservado à regulação dos processos psíquicos primários no sistema Psi-pallium ou Inconsciente, considerando a tendência à descarga, vigente em Psi-nuclear, como uma expressão do princípio de constância.

O princípio da realidade foi por nós concebido no capítulo 4 como a expressão do funcionamento do ego, voltado para a obtenção do máximo de adaptação possível à realidade externa, através da melhor equação entre as demandas daí provenientes com aquelas que, a partir do soma, do Inconsciente, e do Preconsciente se impõem e exigem consideração. Para tanto, o Ego dispõe de instrumentos, como a prova de realidade e os processos psíquicos secundários, embora um e outro possam ser utilizados independentemente. Destacamos ainda que, já em Freud, a realidade é primariamente concebida como fonte de satisfação, a despeito de seu aspecto nocivo e ameaçador, mais frequentemente salientado.

Finalmente, no capítulo 5, discutimos a relação dialética que deve ser concebida entre o aparelho psíquico, como estrutura, e três outros sistemas que, ao mesmo tempo, o estruturam e são por ele estruturados. Mostramos a constituição de uma realidade de pensamento, que, se por um lado se processa no esforço filo e ontogeneticamente desenvolvido pelo aparelho na busca de conhecimento e domínio da realidade física, por outro lado passa a exercer o papel de intermediária entre os fatos

brutos e o seu conhecimento propriamente dito. Concedemos especial atenção ao papel desempenhado pela língua na estruturação dessa realidade de pensamento, e do próprio sistema Preconsciente. Procuramos estabelecer uma clara demarcação entre os conceitos de realidade de pensamento e realidade psíquica, mostrando que esta última deve ser concebida como uma estrutura plasmada através de duas fontes (mundo endógeno e mundo externo) em dois tempo (filó e ontogenético), de tal modo que, em cada indivíduo, encontra-se presente uma estrutura, articulada no contato com outras realidades (historicamente experimentadas), que se superpõe à realidade atualmente percebida, determinando seu modo de interação com ela.

O aparelho psíquico se nos afigura, portanto, como o resultado de uma tríplice estruturação, a partir de três dimensões da realidade: o mundo endógeno, o mundo externo e a língua. Essas três estruturas representam três ordens cuja progressiva assimilação determina seu funcionamento como sistema.

O sistema Preconsciente não apenas entra em contato, na ontogênese, com uma língua que lhe é exterior. Ele foi filogeneticamente plasmado pelo próprio processo da constituição de uma linguagem. O Inconsciente, por sua vez, além da importante ligação com o mundo neurosomático cujas demandas ele expressa, é também fruto de experiência. As fantasias originárias, que Freud deriva, em última análise, de experiências efetivamente vividas pela humanidade em seus primórdios (44), vêm mostrar que, em sua própria tecitura, a realidade psíquica



não é estruturada apenas a partir do soma - ela traz a marca do real, obtida através de experiências efetuadas em dois tempos: filo e ontogenético.

Por outro lado, a vida psíquica consciente e a conduta em geral será sempre, de certo modo, uma formação de compromisso, em que as exigências do prazer, da lógica e da realidade são mais ou menos atendidas.

Em um retorno aos problemas que nos despertaram para este trabalho, poderíamos dizer, nesta conclusão, que nossas análises nos sugeriram que a fantasia não é apenas um produto da vida psíquica: ela a constitui, a estrutura. A realidade com que podemos entrar em contato estará sempre filtrada pelos nossos esquemas mentais, forjados pela estrutura do mundo físico, pela estrutura da língua, e pela estrutura e conteúdos mnêmicos herdados do Inconsciente.

Freud se propôs, no trabalho sobre Os Dois Princípios do Sucedor Psíquico (23), a se interrogar sobre a "função do real" na vida psíquica. Nosso trabalho nos leva a pensar na importância da "função do irreal". E aqui, mais uma vez, nos encontramos com Bachelard: "A função do real, instruída pelo passado, tal como é destacada na psicologia clássica, é preciso juntar uma função do irreal (...) Uma enfermidade por parte da função do irreal entrava o psiquismo produtor. Como prever sem imaginar?" (6).

## BIBLIOGRAFIA

1. Alliez, J. - "La Fonction du Réel dans l'Oeuvre de Pierre Janet" in L'Évolution Psychiatrique, vol. XXXIII, fascículo III, Toulouse, 1973.
2. Althusser, L. - Sobre o Trabalho Teórico, Presença, Lisboa.
3. Althusser, L. - "Freud e Lacan" in Estruturalismo, Portugália, Lisboa, 1968.
4. Bachelard, G. - La Formation de l'Esprit Scientifique, Vrin, Paris, 1970.
5. Bachelard, G. - A Psicanálise do Fogo, Estudos Cor, Lisboa, 1972.
6. Bachelard, G. - "A Poética do Espaço" in Os Pensadores, vol. XXXVIII, Abril, S. Paulo, 1974.
7. Barros, C.P. - "Thermodynamic and Evolutionary Concepts in the Formal Structure of Freud's Metapsychology" in S. Arieti (ed.) The World Biennial of Psychiatry and Psychotherapy, vol. I, Basic Books, N. York, 1971.
8. Barros, C.P. - "Contribuições à Controvérsia sobre 'O Ponto de Vista Económico'" in Conscientia, nº 2, Vozes, Petrópolis, 1975.
9. Bourguignon, A. - "Fonctions du Rêve" in Nouvelle Revue de Psychanalyse, nº 5, Paris, 1972.

10. Bühler, C. - "El Principio de Realidad - Discusión de Teorías y Datos Observacionales" in Barenblitt (ed.) El Concepto de Realidad en Psicoanálisis, Socioanálisis, Buenos Aires, 1974.
11. Caïn, J. - "Réalité et Déplaisir" in L'Évolution Psychiatrique, vol. XXXIII, fascículo III, Toulouse, 1973
12. Castoriadis-Aulagnier, P. - "À Propos de la Réalité: Savoir ou Certitude" in Topique, nº 13, Paris, 1974.
13. Colombo, E.R. - "À Propos du Concept de Réalité dans la Théorie Psychanalytique" in Topique, nº 13, Paris, 1974.
14. Darcourt, G. - "Le Jeu des Fantômes du Sujet dans la Réalité Exterieur" in L'Évolution Psychiatrique, vol. XXXIII, fascículo III, Toulouse, 1973
15. Freud, S. - "The Neuro-Psychoses of Defence" (1894) in J. Strachey (ed.) The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Hogarth, Londres, 1968, vol. III.
16. Freud, S. (with Breuer, J.) - "Studies on Hysteria" (1895) in Standard Edition, vol. II.
17. Freud, S. - "The Interpretation of Dreams" (1900), in Standard Edition, vols. IV-V.

18. Freud, S. - "On Dreams" (1901), in Standard Edition, vol. V.
19. Freud, S. - "The Psychopathology of Everyday Life" (1901), in Standard Edition, vol. VI.
20. Freud, S. - "Jokes and their Relation to the Unconscious" (1905), in Standard Edition, vol. VII.
21. Freud, S. - "Creative Writers and Day-Dreaming" (1908), in Standard Edition, vol. IX.
22. Freud, S. - "Five Lectures on Psycho-Analysis" (1910), in Standard Edition, vol. XI.
23. Freud, S. - "Formulations on the two Principles of Mental Functioning" (1911), in Standard Edition, vol. XII.
24. Freud, S. - "A Note on the Unconscious in Psycho-Analysis" (1912) in Standard Edition, Vol. XII.
25. Freud, S. - "On the History of the Psycho-Analytic Movement" (1914) in Standard Edition, vol. XIV.
26. Freud, S. - "Instincts and their Vicissitudes" (1915), in Standard Edition, vol. XIV.
27. Freud, S. - "Repression" (1915), in Standard Edition, vol. XIV.
28. Freud, S. - "The Unconscious" (1915) in Standard Edition, vol. XIV.

29. Freud, S. - "Introductory Lectures on Psycho-Analysis" (1916-17), in Standard Edition, vols. XIV-XV.
30. Freud, S. - "A Metapsychological Supplement to the Theory of Dreams", escrito em 1915 (1917), in Standard Edition, vol. XIV.
31. Freud, S. - "Beyond the Pleasure Principle" (1920), in Standard Edition, vol. XVIII
32. Freud, S. - "Group Psychology and the Analysis of the Ego" (1921), in Standard Edition, vol. XVIII.
33. Freud, S. - "The Ego and the Id" (1923), in Standard Edition, vol. XIX.
34. Freud, S. - "A Short Account of Psycho-Analysis" in Standard Edition, vol. XIX.
35. Freud, S. - "Neurosis and Psychosis" (1924), in Standard Edition, vol. XIX.
36. Freud, S. - "The Loss of Reality in Neurosis and Psychosis" (1924), in Standard Edition, vol. XIX.
37. Freud, S. - "Some Additional Notes on Dream Interpretation as a Whole" (1925), in Standard Edition, vol. XIX.

38. Freud, S. - "Negation" (1925), in Standard Edition, vol. XIX.
39. Freud, S. - "An Autobiographical Study" (1925) in Standard Edition, vol. XX.
40. Freud, S. - "Psycho-Analysis" (1926) in Standard Edition, vol. XX.
41. Freud, S. - "The Future of an Illusion" (1927), in Standard Edition, vol. XXI
42. Freud, S. - "Civilization and its Discontents" (1930), in Standard Edition, vol. XXI.
43. Freud, S. - "New Introductory Lectures on Psycho-Analysis" (1933), in Standard Edition, vol. XXIII.
44. Freud, S. - "Moses and Monotheism", escrito entre 1934-38 (1939), in Standard Edition, vol. XXIII.
45. Freud, S. - "An Outline of Psycho-Analysis", escrito em 1938 (1940), in Standard Edition, vol. XXIII.
46. Freud, S. - "Some Elementary Lessons in Psycho-Analysis" (1940), in Standard Edition, vol. XXIII.
47. Freud, S. - "Sketches for the 'Preliminary Communication' of 1893", escrito em 1892, (1940), in Standard Edition, vol. I.

48. Freud, S. - "Carta a Fliess nº 23", de 27-4-95 (1950),  
in Obras Completas, Biblioteca Nueva, Madrid,  
1968, vol. III.
49. Freud, S. - "Carta 24", de 25-5-95 (1950), in Obras  
Completas, vol. III.
50. Freud, S. - "Carta 27", de 16-8-95 (1950), in Obras  
Completas, vol. III.
51. Freud, S. - "Carta 29", de 8-10-95 (1950), in Obras  
Completas, vol. III.
52. Freud, S. - "Carta 32", de 20-10-95 (1950), in Obras  
Completas, vol. III
53. Freud, S. - "A Project for a Scientific Psychology",  
escrito em 1895 (1950), in Standard Edition,  
vol. I
54. Freud, S. - "Draft K", escrito em 1896 (1950), in  
Standard Edition, vol. I.
55. Freud, S. - "Carta 39", de 1-1-96 (1950), in Standard  
Edition, vol. I.
56. Freud, S. - "Carta 41", de 13-2-96 (1950), in Obras  
Completas, vol. III.
57. Freud, S. - "Carta 44", de 2-4-96 (1950) in Obras  
Completas, vol. III.

58. Freud, S. - "Letter 52", de 6-12-96 (1950), in  
Standard Edition, vol. I.
59. Freud, S. - "Letter 61", de 2-5-97 (1950), in  
Standard Edition, vol. I.
60. Freud, S. - "Draft M", escrito em 1897 (1950), in  
Standard Edition, vol. I.
61. Freud, S. - "Draft N", escrito em 1897 (1950), in  
Standard Edition, vol. I.
62. Freud, S. - "Letter 66", de 7-7-97 (1950), in  
Standard Edition, vol. I.
63. Freud, S. - "Letter 69", de 21-9-97 (1950), in  
Standard Edition, vol. I.
64. Freud, S. - "Letter 84", de 10-3-98 (1950), in  
Standard Edition, vol. I.
65. Freud, S. - "Carta 94", de 26-8-98 (1950), in Obras  
Completas, vol. III.
66. Freud, S. - "Letter 105", de 19-2-99 (1950), in  
Standard Edition, vol. I.
67. Freud, S. - "Carta 112", de 27-7-99 (1950), in  
Standard Edition, vol. I.
68. Grize, J.B. - "La Logique des Classes", in Piaget  
(ed.) Logique et Connaissance Scientifique, Gal  
limard, Paris, 1967.



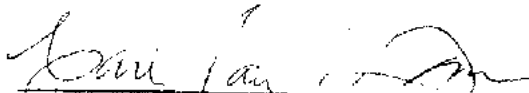
69. Hartmann, H. - Psicologia do Ego e o Problema da Adaptação, Biblioteca Universal Popular, Rio, 1968.
70. Holt, R. - "A Critical Examination of Freud's Concept of Bound vs. Free Cathexis", in Journal of American Psychoanalytic Association, nº 10, 1962.
71. Isaacs, S. - "Naturaleza y Funcion de la Fantasia" in Desarrollos en Psicoanalisis, Hormé, Buenos Aires, 1962.
72. Jakobson, R. - Linguística e Comunicação, Cultrix, S. Paulo.
73. Jakobson, R. - "A Linguística em suas Relações com Outras Ciências" in Linguística. Poética. Cinema, Perspectiva, S. Paulo.
74. Jones, E. - Vida y Obra de Sigmund Freud, Editorial Nova, Buenos Aires, 1959-62.
75. Klimovsky, G. - "Estructura y Validez de las Teorias Cientificas" in Metodos de Investigación en Psicología y Psicopatología, Nueva Vision, Buenos Aires, 1971.
76. Lacan, J. - "Fonction et Champ de la Parole et du Langage en Psychanalyse" in Écrits, vol. I, Seuil, Paris, 1966.
77. Langer, S. - "O Crescente Centro de Conhecimento", in Ensaio Filosóficos, Cultrix, S. Paulo.

78. Laplanche, J. e Pontalis, J.B. - Vocabulaire de la Psychanalyse, P.U.F., Paris, 1967.
79. Lebovici, S. e Diatkine, R. - "Quelques notes sur L'Inconscient" in Henry Ey (ed.) L'Inconscient (VI<sup>e</sup>. Colloque de Bonneval), Desclée de Brouwer, Paris, 1967.
80. Lévi-Strauss, C. - Anthropologie Structurale, Plon, Paris, 1958.
81. Levi-Strauss, C. - La Pensée Sauvage, Plon, Paris, 1962.
82. Levi-Strauss, C. - "Comment on Devient Ethnologue" in Tristes Tropiques, Plon, Paris, 1955.
83. Loewald, H. - "Ego y Realidad" in Baremlitt (ed.) El Concepto de Realidad, Siconnalysis, Buenos Aires, 1974.
84. Lotka, A.J. - Elements of Mathematical Biology, Dover, N. York, 1956.
85. Luria, A. - "Vygotski e o Estudo das Funções Psíquicas Superiores" in Tempo Brasileiro, nº 21/22, Rio de Janeiro.
86. Malan, A.M. - O Conceito de Regressão na Teoria Freudiana, Tese de Mestrado, PUC, Rio de Janeiro, 1975.
87. Marcuse, H. - Eros e Civilização, Zahar, Rio, 1968.

88. Martinet, A. - Elementos de Lingüística General, Gredos, Madrid, 1970.
89. Nagera, H. et alii (eds.) - Basic Psychoanalytic Concepts, vol. IV, George Allen and Unwin, Londres, 1970.
90. Papert, S. - "Épistémologie de la Cybernetique" in Piaget (ed.), Logique et Connaissance Scientifique, Gallimard, Paris, 1967.
91. Papert, S. - "Remarques sur la Finalite" in Piaget (ed.) Logique et Connaissance Scientifique, Gallimard, Paris, 1967.
92. Piaget, J. - "Nature et Methodes de l'Epistemologie" in Piaget (ed.) Logique et Connaissance Scientifique, Gallimard, Paris, 1967.
93. Piaget, J. - A Formação do Símbolo na Criança, Zahar, Rio, 1971.
94. Piaget, J. - O Nascimento da Inteligência na Criança Zahar, Rio, 1970.
95. Rapaport, D. e Gill, M. - "Sobre la Metapsicologia" in Aportaciones a la Teoria y Tecnica Psicoanalitica, Pax, Mexico, 1962.
96. Saussure, F. - Cours de Linguistique Générale, Payot, Paris, 1969.

97. Schaff, A. - Introdução à Semântica, Civilização Brasileira, Rio, 1968.
98. Ullmo, J. - "Les Concepts Physiques" in Piaget (ed.) Logique et Connaissance Scientifique, Gallimard, Paris, 1967.
99. Watzlawick, Beavin e Jackson - Pragmática da Comunicação Humana, Cultrix, S. Paulo.
100. White, R.W. - "Ego and Reality in Psychoanalytic Theory" in Psychological Issues, vol. III, nº 3, International Universities Press, N. York, 1963.
101. Wiener, N. - Cibernética e Sociedade, Cultrix, S. Paulo.

Tese apresentada no Departamento de  
Psicologia da Pontifícia Universidade  
Católica do Rio de Janeiro, fazendo  
parte da Banca Examinadora os seguin-  
tes Professores:


  
CARLOS PAES DE BARROS  
(Orientador)  
PUC/RJ - Departamento  
de Psicologia

ÂNGELA B. PODKAMENI  
PUC/RJ - Departamento  
de Psicologia

PEDRO AMÉRICO CORREIA NETTO  
PUC/RJ - Departamento  
de Psicologia

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 20/05/76.

  
VERA MARIA FERRÃO CANDAU  
Coordenador dos Programas de  
Pós-Graduação do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas